



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Clínica e Cultura

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Thaís Urueña Lopes de Souza

Quando o Sentido Cai e Deixa (a) Desejar:

A Metáfora e a Dimensão Criadora da Palavra na *Praxis* Analítica

Brasília

2025

THAÍS URUEÑA LOPES DE SOUZA

Quando o Sentido Cai e Deixa (a) Desejar:

A Metáfora e a Dimensão Criadora da Palavra na *Praxis* Analítica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília como
requisito à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Daniela Scheinkman

Brasília

2025

THAÍS URUEÑA LOPES DE SOUZA

QUANDO O SENTIDO CAI E DEIXA (A) DESEJAR:

A METÁFORA E A DIMENSÃO CRIADORA DA PALAVRA NA *PRAXIS* ANALÍTICA

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Daniela Scheinkman

Universidade de Brasília

Presidente

Prof.^a Dra. Paula Oliveira Sobral

Membro externo

Prof. Dr. Sérgio Eduardo Lima Prudente

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Membro externo

Prof.^a Dra. Márcia Cristina Maesso

Universidade de Brasília

Suplente

DEDICATÓRIA

À minha bisa, Lina, que me mostrou a perspicácia na vida para que eu pudesse sonhar e(m) ser perspicaz na clínica. Meu maior exemplo de *savoir-y-faire*.

À minha sogra, Miriam, pelas marcas que deixou em mim. Obrigada pela presença, mesmo enquanto ausência. Te levo sempre comigo.

AGRADECIMENTOS

À Universidade de Brasília, que pude chamar de casa durante a graduação e agora na pós.

À professora Daniela Scheinkman, orientadora dessa dissertação, pelo amparo e compreensão da vida que acontece paralela à escrita. Muito obrigada!

Aos professores que gentilmente aceitaram compor minha banca examinadora, Prof. Dra. Márcia Cristina Maesso, Prof. Dr. Sérgio Eduardo Lima Prudente e Prof. Dra. Paula Oliveira Sobral. Obrigada pela honra!

Aos colegas do grupo de orientação, pelas reuniões acolhedoras e por me darem as mãos nessa caminhada. Não teria sido possível sem vocês!

Ao Mauro Rehbein, pelo suporte, leitura minuciosa e por contribuições tão ricas e inspiradoras.

À Giulia e Gabriela, pela sustentação e acolhimento desde o pré-projeto até a defesa, por me ajudarem a construir sentidos a partir de destroços. Obrigada!

Aos alunos de Teorias Psicanalíticas 1 do semestre 2/2025, por todas as trocas, por deixarem a psicanálise ainda mais viva em mim e fazerem da minha primeira experiência docente um caminho tão enriquecedor.

Aos meus pacientes, minha mais profunda gratidão. Por confiarem suas histórias a mim e pela honra em acompanhar seus desvelares.

À minha família, pelo apoio incondicional, por terem semeado em mim tantas palavras frutíferas, e sempre com tanto amor. Em especial agradeço à minha mãe e à minha irmã, Romina e Bruna Urueña, pela torcida, pelo colo, por todas as orações e ligações cheias de angústia: nosso laço me sustenta; juntas somos um tripé.

Aos meus amigos queridos, por todo carinho e incentivo; por terem suportado as ausências, as presenças estressadas e os inúmeros desabafos.

Ao Diego, meu amor, por ter vivido comigo cada fase desse processo; encontrei em você a força que precisei para seguir escrevendo. Nosso encontro me ajuda a tornar possível o impossível. Obrigada por tudo, e por esse amor que sempre me deixa sem palavras... você, Jorginho e Miró tornaram a vida minha poesia preferida.

Em especial, agradeço à Thaisa Barbosa, minha companheira na empreitada do mestrado. Obrigada pela leitura atenta, acolhimento, parceria, por compartilhar as angústias e alegrias desse processo; e principalmente, por ter segurado minha mão quando todos os sentidos pareciam suspensos. Saiba que você é um dos maiores motivos de eu acreditar nessa dissertação: te vejo, diante do vazio mais indizível, criando palavras e caminhos, tendo o amor como sua espinha dorsal. Você me inspira! Muito obrigada, por tudo e por tanto.

RESUMO

A presente dissertação investiga a metáfora na clínica da neurose, articulando-a ao potencial criativo das palavras e ao efeito poético, com o objetivo de contribuir para o fazer analítico e demonstrar que ir além da significação pode favorecer o advir do sujeito. Lacan defende que, ao pensar a transmissão, a apreensão e a execução da técnica psicanalítica, não se pode prescindir dos fundamentos da fala e da linguagem. Propomos, então, um percurso desde o conceito freudiano de condensação (*Verdichtung*) até o paralelo linguístico estabelecido por Lacan, a saber, a metáfora, aqui entendida como um processo de substituição significativa que culmina em um ganho de sentido. Salientamos que existe uma afinidade entre os conceitos de condensação, metáfora e criação poética, produzindo o inesperado a partir das brechas de sentido. Com o auxílio de vinhetas clínicas, reiteramos que o que se escuta em análise é o sujeito do inconsciente, aquele que ao falar, sempre diz mais do que pretende, rompendo a linearidade da significação. A partir disso, defendemos que um analista perspicaz não visa ao restabelecimento dessa linearidade, mas à abertura de um espaço onde o sentido possa cair e o sujeito se depare com o vazio do Real – o indizível. Na ausência da palavra, surge a oportunidade de o sujeito aparecer enquanto desejante e criativo, movimento possível via transferência. O analista, suporte da transferência, precisa estar aberto às surpresas e tropeços da fala, preservando a função de evocação da linguagem.

Palavras-chave: metáfora, condensação, efeito poético, desejo, prática clínica

ABSTRACT

When meaning falls and gives rise to desire: Metaphor and the creative dimension of the word in analytic praxis

This work investigates metaphor in the clinic of neurosis, articulating it with the creative potential of words and with the poetic effect, with the aim of contributing to analytic practice and of demonstrating that going beyond signification may favour the advent of the subject. Lacan argues that, when considering the transmission, apprehension, and execution of psychoanalytic technique, one cannot dispense with the foundations of speech and language. We therefore propose a trajectory from the Freudian concept of condensation (*Verdichtung*) to the linguistic parallel established by Lacan, namely metaphor, here understood as a process of substitution of signifiers that culminates in a gain of meaning. We emphasize that there is an affinity between the concepts of condensation, metaphor, and poetic creation, producing the unexpected from the gaps in meaning. With the aid of clinical vignettes, we reiterate that what is listened to in analysis is the subject of the unconscious, the one who, in speaking, always says more than is intended, breaking the linearity of signification. From this, we argue that a perspicacious analyst does not aim at the reestablishment of such linearity, but at the opening of a space where meaning may fall away and the subject may encounter the void of the Real — the unsayable. In the absence of the word, the opportunity arises for the subject to appear as desiring and creative, a movement made possible through transference. The analyst, as the support of transference, must remain open to the surprises and slips of speech, preserving the evocative function of language.

Keywords: metaphor, condensation, poetic effect, desire, analytic practice

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1: O Inconsciente, a Fala que Falha e a Metáfora	24
1.1. O que Vem no Princípio?	24
1.2. O Sujeito e seu Inconsciente: Do Sonho à Metáfora	32
1.3. A Metáfora e o Efeito Poético	46
Capítulo 2: Um Analista Perspicaz	57
2.1. O Inconsciente Visto de Lado	57
2.2. A Palavra Metafórica e o Efeito de Significação	74
2.3. Deixar a Desejar para Deixar Desejar: Um dos Fundamentos da <i>Praxis</i> Analítica	87
Conclusão	99
Referências Bibliográficas	105

Introdução

A linguagem é meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem.

–Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H.*

Clarice Lispector traz a linguagem como um esforço, algo a ser buscado, e que eventualmente fracassa dando lugar ao indizível. Ao mencionar “minha linguagem”, também nos relembra do que propõe Saussure: que a linguagem tem uma face individual – ainda que inseparável da social (Saussure, 2006). Além disso, em sua obra *Curso de Linguística Geral*, o autor também se refere à linguagem como um sistema estabelecido e, ao mesmo tempo, uma evolução a cada instante, num misto de passado e atualidade que torna inviável a unificação do conceito - o estudo da linguagem contempla vários aspectos simultaneamente.

Segundo o autor, a linguagem é composta por todas as formas de expressão humanas, como por exemplo, a escrita, a fala, os sons e os gestos, e seu estudo tem como princípio dois fatores que se relacionam estreitamente: a língua e a fala. A língua, social, conjunto de signos pré-estabelecidos; e a fala, dimensão individual, das combinações próprias do falante (Saussure, 2006).

A psicanálise tem relação estreita com a linguagem, o que será demonstrado ao longo do trabalho, mas por ora, salientamos o quanto ela é fundamental na constituição de um sujeito e figura como importante via de acesso ao inconsciente. Em nosso recorte, daremos privilégio à fala, manifestação particular da linguagem por um sujeito, e o meio de trabalho do analista.

No senso comum, nos deparamos com alguns questionamentos sobre o porquê de a análise se distinguir das falas que acontecem em bares ou encontros de família, sobre o que se passa para que essa conversa seja tão diferente das outras. Justamente, o que se escuta em análise é o sujeito do inconsciente, do desejo, que aparece na fala e em suas brechas, por vezes

dizendo mais do que pretendia, à sua revelia, e assim podendo se deparar com algo de seu movimento desejante.

O que está em jogo numa psicanálise é o advento, no sujeito, do pouco de realidade que esse desejo sustenta nele em relação aos conflitos simbólicos e às fixações imaginárias, como meio de harmonização destes, e nossa via é a experiência intersubjetiva em que esse desejo se faz reconhecer. Por conseguinte, vê-se que o problema é o das relações, no sujeito, entre a fala e a linguagem. (Lacan, 1953/1998, p. 281)

No processo de análise, não temos acesso ao todo de um sujeito, mas pode surgir algo para além do pouco que aparece na realidade: a verdade própria que se revela no modo como fala de seus conflitos, fixações, sonhos, chistes, sintomas... em como está inserido na linguagem e articula a lógica de seu desejo. A via de acesso do analista ao inconsciente é a fala do analisando, por onde temos notícias do sujeito desejante.

Enquanto uma força motriz do sujeito, propomos para este trabalho o desejo enquanto “reduzido a uma dimensão essencial, um movimento que vai além, desejo quase liberto da fascinação do objeto” (Leclaire, 1968/1986, p. 37). Para o nosso recorte, é importante frisar o quanto o desejo é um movimento deslizante, efeito da falta e nunca completamente satisfeito por qualquer objeto que seja. Lacan (1964/2008) chega a dizer, por exemplo, que desejar e não querer desejar são a mesma coisa.

Ainda no *Seminário 11*, Lacan (1964/2008) pontua que a partir da escuta das histéricas, da *talking cure*, Freud encontra uma porta de entrada que começa a enlaçar desejo, linguagem e inconsciente, que figuram como temas importantes nesta pesquisa: “não é de se espantar que tenha sido por esta porta que Freud entrou no que eram, na realidade, as relações do desejo com a linguagem, e que ele tenha descoberto os mecanismos do inconsciente” (p. 19).

Ademais, para Pontalis & Mango (2012), quando Freud escreve sobre os casos clínicos e suas descobertas a partir deles, também fortalece uma relação com a linguagem que persiste

até os dias de hoje. Ou seja, ainda que com Lacan a relação entre inconsciente e linguagem tenha se fortalecido, é importante lembrar o quanto esta já estava presente na obra freudiana.

Não obstante, o modo como desejo, linguagem e inconsciente se articulam em cada sujeito é particular, assim como os efeitos que disso decorrem. Esse é um dos desafios no aprofundamento do estudo em psicanálise; tanto a pesquisa quanto a prática clínica operam nesse campo entre o rigor teórico e a necessidade de considerar e evocar o sujeito em sua radical singularidade.

Quanto à prática clínica, não dispomos de um manual que possa ser aplicado a todos aqueles que nos buscam para uma análise, mas é possível avançar na teoria e embasar o saber-fazer no aqui-agora das sessões, porque “o rigor do desejo inconsciente, a lógica do desejo, só se revelam a quem simultaneamente respeita essas duas exigências, da ordem e da singularidade, aparentemente contraditórias” (Leclaire, 1968/1986, p. 20).

É nosso dever, enquanto analistas e pesquisadores, nos engajarmos em uma formação que contemple ao mesmo tempo a ordem dos conceitos e as particularidades de cada sujeito. Isso se dá, por exemplo, quando a escuta analítica permite ir além do significado usual que as palavras têm, abrindo espaço para criações do sujeito e operações com o significante, como ocorre no caso da metáfora.

Corroboramos Lacan quando atribui às palavras uma função significante, alertando para a impossibilidade de univocidade dos símbolos. As palavras são polissêmicas, se situam no campo da equivocação e da ambiguidade; não há como manejar a linguagem referindo termo a termo o signo à coisa (Lacan, 1954/2009). A partir disto, para esta dissertação, trataremos a palavra enquanto função significante e criadora, sustentando um mais-além.

Buscando progredir no caminho teórico que engendra ordem e singularidade, à luz de obras freudianas como *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), *O chiste e sua relação com o inconsciente* (Freud, 1905/2017) e lacanianas como *A instância da letra no inconsciente*

ou a razão desde Freud (Lacan, 1957/1998), *O seminário livro 5: as formações do inconsciente* (Lacan, 1957-58/1999), bem como articulações com comentadores contemporâneos, nos implicaremos no aprofundamento do estudo acerca da fala e da linguagem para a clínica psicanalítica da neurose, principalmente a partir da metáfora, uma figura de linguagem que em psicanálise adquire importância enquanto um dos mecanismos do inconsciente.

Cabe destacar que a presente pesquisa parte da clínica com a neurose e pretende retornar a ela, como contribuição para o fazer psicanalítico, num compromisso que concebe a análise como um processo de reposicionamento subjetivo, no qual, a partir do desvelamento do sujeito, seu sintoma possa ser dito de outra forma, sob uma nova perspectiva, de modo que, com isso, o sofrimento possa ser apaziguado. Por conseguinte, não nos debruçaremos sobre a metáfora paterna, já que entendemos que, por se tratar da estrutura neurótica, a metáfora paterna se deu, inclusive franqueando as metáforas posteriores. Nosso objetivo é teorizar o trabalho analítico com o sujeito neurótico, no qual o significante Nome-do-Pai foi inscrito, levando em consideração aspectos como a fala, a linguagem, o desejo, o inconsciente e o sentido enquanto presença e ausência.

O sujeito neurótico busca uma análise pelos mais variados motivos, no entanto, recentemente, vemos uma mudança no modo como os pacientes chegam ao consultório. Para que a transferência se dê, é preciso que o analisando coloque o analista num lugar de suposto saber; mas, no mundo contemporâneo, principalmente pela intensidade com o que a internet se faz presente no nosso cotidiano, lidamos com a difusão de um saber obturado, refém da ilusão de completude, alojando o sujeito em um falso conforto proveniente de rótulos e diagnósticos.

Atualmente, por exemplo, é possível se autodiagnosticar com muita facilidade, buscando informações no Google, em redes sociais e, mais recentemente, em softwares de inteligência artificial. Sendo assim, o paciente chega à análise com um diagnóstico firmado,

vários sentimentos nomeados e explicados, cheio de significações, informações, mas ainda sofrendo... do que não sabe dizer, do que talvez nem tenha nome.

Com sua obra *O mal-estar na civilização*, Freud (1930/2010) nos alerta para o fato de que o avanço tecnológico não implica necessariamente em menos sofrimento. É importante notar que o maciço acesso à informação tem contribuído, entre outras questões, para sujeitos exaustos, autocentrados e sobrecarregados com dados e evidências. O propósito da psicanálise nunca foi alimentar um sintoma social ou se submeter ao discurso normativo de uma época, então, que sigamos no presente com esse mesmo propósito, buscando uma outra via.

Se muitos sentidos já estão dados, talvez o analista precise trabalhar com a suspensão deles, até que algo novo possa surgir. Nos termos de uma fala de Lacan a Moustapha Safouan, ratificamos que, entre analista e analisando, “só há a palavra ou a morte” (Safouan, 1921/1993, p. 9). Ou seja, se diante da falta na linguagem o sujeito não se movimenta em palavras, não cria novas produções em seu discurso, ou se o relato de seu sofrimento não pode ser dito de outra forma ao se deparar com o vazio do sentido, resta-lhe a morte, a falta no real.

O encontro mediado pelo simbólico introduz um intervalo que oferece lugar ao sujeito, à palavra e à falta dela, ao sentido e à suspensão do mesmo, mostrando que é possível fazer algo com e nesse vazio. É neste campo que o presente estudo pretende avançar, com o objetivo de demonstrar que, diante de uma quebra de sentido, é possível que o sujeito engendre algo próprio. Propomos que um dos terrenos férteis para fazer advir um novo dizer é a metáfora, como uma operação de criação e ganho de sentido na linguagem.

Para a psicanálise, não há sujeito fora da linguagem. A verdade psíquica é tocada por sua relação com as palavras, e o sujeito está a todo tempo tendo que se haver com isso, como postula o questionamento de Didier-Weill (1997): “o que você fez da palavra que lhe foi dada?” (p. 9). Tal questionamento nos remete a uma passagem de Lacan (1977-1978/2000) no

Seminário 25, quando diz que “o que se espera é que a análise, por uma suposição, chegue a desfazer pela fala o que foi feito pela fala” (p. 1).

Faz-se importante retomar que nos referimos à linguagem no viés psicanalítico, como constituidora do sujeito. Já nascemos em um berço de linguagem, nos tornamos sujeitos a partir dela e a vivenciamos continuamente, na medida em que somos seu efeito: para Lacan, o sujeito falante, do inconsciente, se constitui como efeito de uma operação com a linguagem, o que resulta também em uma perda. Ele se relaciona com o campo simbólico, que se divide entre S1 e S2:

S1 é o significante injetor do sentido, S2 é o significante afanísico, aquele que apaga o sentido, introduz o não-senso, o significante do recalque originário, da fundação do inconsciente (...) o sujeito jamais é puro sentido, mas sempre sentido e não-sentido. (Elia, 2023, p. 179)

O sujeito emerge neste intervalo entre dois significantes. Tal operação resulta numa perda para os dois campos, do sujeito e da linguagem, marcando que a falta se faz presente em ambos. Esta perda, que faz sujeito e linguagem barrados, cria o furo onde o sujeito do inconsciente pode aparecer.

A barra tem como função, para Lacan, marcar que existe algo que resiste à significação, à completude do sujeito e do sentido, deixando um resto. Esse resto funcionará como causa de desejo, como uma força constante para além dos limites da palavra.

Relembramos o caminho teórico percorrido nos primórdios da psicanálise para mostrar que, em *Estudos sobre a histeria*, Freud (1893-1895/2016) concluiu que a fala é o meio por onde se acessa o inconsciente. Posteriormente, em *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), dentre vários pressupostos fundamentais da teoria e técnica psicanalíticas, o autor postula que existe um ponto em que a fala falta, afirmando que nem tudo da experiência de um sujeito é simbolizável, havendo um resto não representável.

Quando fala do umbigo do sonho, Freud (1900/2019) afirma que mesmo os sonhos detalhadamente interpretados em análise deixam um ponto obscuro, como um nó, onde se atam ao desconhecido, inaugurando a ideia de que a simbolização só vai até certo ponto.

No *Seminário 11*, Lacan (1964/2008) compara o umbigo dos sonhos à hiância, uma abertura que instaura a ausência e marca a função estruturante da falta, e na qual se encontra algo do não-realizado, um centro incógnito que está sempre aberto, mas onde algo acontece. Ele afirma que a tentativa de suturar essa hiância seria psicologizar a psicanálise, o que não significa que não seja necessário o cuidado ao lidar com essa abertura.

Retomando a citação de Safouan, a falta não precisa ser a morte, podendo ser o espaço que propicia movimento. Quando a palavra falha e escancara que não existe equivalência entre significado e significante, uma abertura se instaura; e é preciso que o analista saiba encarar essa brecha como um espaço de possibilidades, para que o sujeito se coloque e possa criar algo.

Pensar acerca da fala no contexto de análise e do lugar do analista diante dela é complexo; abarca não só o sentido, mas a falta dele. Souza Jr. (2023) define a fala como:

Uma esfera capaz justamente de se render à exposição da não linearidade, da inconsistência, da não identidade da língua consigo mesma e da heterotopia com a qual ela se traveste a depender de como se a observa (...) e a fala, enquanto função, rompe com a suposta homogeneidade da língua. (p. 52)

À luz do que foi citado, reiteramos que o fato de termos uma língua estruturada com alfabeto, regras gramaticais e significados no dicionário não é capaz de trazer homogeneidade para a fala. Quando traz o conceito foucaultiano da heterotopia, Souza Jr. (2023) nos atenta para o fato de que as palavras podem conter condensações de vários significados, subvertendo a linearidade do discurso.

A fala, a escrita, a leitura, a escuta... viver o mundo tocado pelas palavras é passear em balsa pelas infinitas possibilidades que elas podem nos dar e pelos infinitos rearranjos que

cada sujeito vai fazer com isso. E Lacan (1955-1956/1985) garante: “se esses registros do ser estão em alguma parte, é, afinal de contas, nas palavras” (p. 232).

Recorremos a Lerner (2024), quando revisita Lacan num momento avançado de sua teoria, para dizer que “ainda que a essência da teoria psicanalítica seja um discurso sem palavras, não é sem ela” (p. 38). O estudo da linguagem e da fala é imprescindível na formação de um analista, e não deveria estar dissociado do estudo da psicanálise.

Uma colega certa vez compartilhou um questionamento que me acompanha há tempos: se Freud e Lacan, em seus percursos para se tornarem (e se autorizarem) analistas, estudavam muitas áreas do conhecimento: linguística, poesia, matemática, arte, mitologia, literatura, física, biologia... por que os analistas hoje em dia se debruçam unicamente sobre o estudo da psicanálise? Decerto que é imprescindível, logicamente. Mas é possível pensar numa *praxis* analítica que não inclua outros saberes?

Neste ponto, corroboramos Jorge (2001), quando, no prefácio do livro *A metáfora paterna na psicanálise e na literatura*, propõe que a psicanálise tem dois caminhos para enriquecer sua construção teórica: a prática clínica e a interlocução com outros saberes. São essas conexões que fomentam diferentes produções de conhecimento, fazendo surgir contribuições ousadas, ricas, e principalmente, humanas.

O objetivo desta pesquisa é aprofundar no estudo da linguagem em suas articulações com a psicanálise, reiterando a importância dessa relação para a *praxis* analítica. Especificamente, investigamos a metáfora enquanto uma operação com o significante que pode transgredir a significação e suspender o sentido, possibilitando o advir do sujeito desejante. Objetivamos, também, elaborar acerca do que seria uma escuta perspicaz, capaz de franquear reposicionamentos subjetivos.

A partir de vinhetas clínicas, travessias teóricas e algumas pinceladas de poesia, música e literatura, reforçamos o compromisso com o entusiasmo pelo estudo da linguagem, por

acreditar que estarmos abertos às palavras enquanto presença e/ou ausência faz a psicanálise avançar em sua função técnica e social.

A psicanálise nos ajuda a sustentar o não-todo, trabalhando com as fissuras da linguagem e do sujeito sem a pretensão de suturá-las. Buscamos adensar a reflexão sobre técnica e ética psicanalíticas, mantendo vivo o debate acerca do fazer clínico e oferecendo um contraponto a modelos científicos que reduzem o sujeito a categorias objetivantes, negligenciando a complexidade da subjetividade e da fala.

Em *Função e campo da fala e da linguagem*, Lacan (1953/1998) diz que “reconduzir a experiência psicanalítica à fala e à linguagem, como a seus fundamentos, interessa sua técnica” (p. 290), e, mais adiante, que “essa técnica exigiria, tanto para ser ensinada quanto para ser aprendida, uma profunda assimilação dos recursos de uma língua, e especialmente dos que se realizaram concretamente em seus textos poéticos” (p. 296).

Ou seja, enquanto teoria e prática, a psicanálise está enlaçada na linguagem, e essa relação precisa ser levada em consideração no percurso de cada analista. Para a psicanálise, assimilar os recursos da língua não consiste em uma busca extenuante pela significação, e sim em escutar a fala do sujeito também no que ela não diz. Dando ouvidos ao não dito que comparece nos furos do discurso, podemos nos aproximar do sujeito e assim também restituir à linguagem sua função de evocação.

O inconsciente não pode ser silenciado, ele insiste em se manifestar. O que a psicanálise sustenta enquanto hipótese fundamental é que a linguagem é o campo onde isso ocorre, não só quando as palavras comunicam, mas também quando falham – abrindo caminho para a verdade do desejo e para a criação singular.

O interesse pela metáfora se deu a partir de minha prática clínica e das supervisões, que circulavam em torno de uma ideia: as explicações têm seu lugar, porém logo surge a necessidade de ir além – dos significados, elucidações, na tentativa de alcançar esse tal

indizível. Essa ideia encontrou contorno possível na leitura de *O fluxo e a cesura*, quando Souza Jr. (2023) cita um trecho do *Seminário 24* de Lacan e nos lembra que o sentido até ressoa, mas não vai longe.

Muito se fala de uma clínica voltada para o real, mas é possível chegar lá? Sabemos que o encontro com o real é impossível; o que pode se dar é uma aproximação, como um susto que pode ganhar alguma forma, algo da ordem de um bordejamento. O limite entre dizível e indizível talvez não seja então um abismo, mas uma ponte a ser percorrida – ainda que sem um destino que se possa alcançar – por analista e analisando, amparados pela transferência e pela linguagem e sustentados pelo desejo.

É um encontro com o desconhecido, que permite traçar um caminho de (re)construções próprias: de uma história para o analisando e de um estilo para o analista – que pode passar a contemplar mas inventividade. Lerner (2024) propõe que, por vezes, as coisas são ditas de forma específica, e “que sejam ditas de outro modo é uma oportunidade que a análise propicia de se liberar de algumas condenações do significante” (p. 128).

É importante explorar outras perspectivas, dizer de outro modo; não é necessário (nem mesmo viável) que tudo seja especificamente rememorado ou explicado, e isso nos ensina Freud (1937/2018), quando conclui, em *Construções na análise*, que, como um arqueólogo, o analista trabalha com fragmentos, com o que é construído e reconstruído a partir deles. Lacan (1953-1954/2009) retoma isso no *Seminário 1*, dizendo que “o fato de que o sujeito revive, rememora, no sentido intuitivo da palavra, os eventos formadores de sua existência, não é, em si mesmo, tão importante. O que conta é o que ele disso reconstrói” (p. 23).

Quando dizemos que a fala é nosso meio de trabalho, falamos de um campo, como Lacan (1953/1998) intitula em uma das obras de referência para esta pesquisa, *Função e campo da fala e da linguagem*, sugerindo que a fala tem uma função no campo da linguagem: função de dizer, de enunciação. Existe algo por trás do dito que diz do sujeito.

Diante do furo do saber, o sujeito é convocado a se colocar, e a criar. Na psicanálise, “toda verdade tem uma estrutura de ficção” (Lacan, 1959-1960/2008, p. 24), e para que o sujeito possa deslizar em seu sofrimento, ele precisa inventar saídas: para atravessar o sintoma, para reescrever seu passado, para elaborar e fazer corte na repetição... O trabalho em análise também é um trabalho criativo, que precisa dotar de um espaço fértil para que o sujeito crie, não necessariamente algo inovador, mas algo próprio.

Ao mencionar a metáfora e seu inerente movimento de substituição, Lacan enfatiza a relevância que o processo tem em termos de criação: “é na relação de substituição que reside o recurso criador, a força criadora, a força de engendramento, caberia dizer, da metáfora” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 35).

Para ele, a metáfora enriquece não só a evolução da língua, mas do sentido em si, quando o sujeito além de perceber o mundo externo, se implica nele, e se faz presente no próprio discurso (Lacan, 1957-1958/1999). O sentido pode enriquecer a nossa vida, desde que se renove, se movimente, e não se enrijeça na fixidez da significação.

É compreensível a pretensão de que a palavra equivalha à coisa, de que significante e significado sejam equivalentes e a comunicação possa ser mais previsível; e talvez o sintoma social do nosso tempo insista nessa tentativa que é tão sedutora quanto fadada ao fracasso. Como seres falantes, estamos no “polo oposto, metafórico, da busca significante, e ao me devotar e tornar-me o que sou, a vir a sê-lo, não posso duvidar de que, mesmo ao me perder nisso, é aí que estou” (Lacan, 1957/1998, p. 521).

No *Seminário I*, Lacan (1953-1954/2009) pontua que “toda espécie de emprego [da palavra], em certo sentido, é sempre metafórica” (p. 309). Na medida em que é o sujeito quem formula a própria fala, ele expõe com isso seu ser, sua confissão e seu eu no domínio do símbolo. Existe uma escolha no discurso, o sujeito sempre aparece no que diz, seja consciente ou inconscientemente, e até quando mente está dizendo sua verdade.

Além de manter íntima relação com o potencial criativo e com o inconsciente, a metáfora também contribui bordejando o real, podendo ser ponte para o irrepresentável:

é por intermédio da metáfora, pelo jogo de substituição de um significante por outro num lugar determinado, que se cria a possibilidade não apenas de desenvolvimento do significante, mas também de surgimentos de sentidos sempre novos, que vêm sempre contribuir para aprimorar, complicar, aprofundar, dar sentido de profundidade àquilo que, no real, não passa de pura opacidade. (Lacan, 1957-1958/1999, p. 35)

O analista dispõe de algum artifício para se aproximar desse lugar de opacidade e favorecer novos sentidos? Longe da premissa de que é possível tornar o inconsciente consciente ou de que há uma equivalência entre o que se passa em cada uma das instâncias, é crucial que saibamos que algo se passa nesse lugar, no real, que nos coloca em movimento e nos dá pistas de nossa própria singularidade: nossos traços, o modo como fomos marcados e o que estamos fazendo com isso – “o inconsciente nos mostra a hiância por onde a neurose se conforma a um real” (Lacan, 1964/2008, p. 30).

Propomos que a metáfora pode ser uma ferramenta importante para favorecer tal mostraçã, como um artifício de palavras capaz de jogar com o sentido: suspendendo-o, criando-o, torcendo-o, e, ainda assim, sem a pretensão de esgotá-lo, mas sendo ponte para esse vazio silencioso do qual nada se pode dizer.

O real, indizível em sua essência, jamais poderá ser simbolizado; mas, porque não cessa de não se inscrever, nos dá notícias de sua ex-sistência. Ainda que esteja fora do simbólico, se relaciona com ele, retorna e deixa marcas no sujeito, e por isso, é tributário de um lugar importante na *praxis* analítica. Não é possível representá-lo, mas podemos bordejá-lo.

Em correspondência a essa ideia, esclarecemos que a escolha do termo *praxis* no título e no decorrer da dissertação se deu a partir do que propõe Lacan:

o que é uma praxis? Parece-me duvidoso que este termo possa ser considerado como impróprio no que concerne à psicanálise. É o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico. Que nisto ele encontre menos ou mais imaginário tem aqui valor apenas secundário. (Lacan, 1964/2008, p. 14)

Implicando-nos no estudo da metáfora enquanto artifício de linguagem que oferece espaço para o inconsciente no simbólico e pode fazer ponte para o real, buscamos realizá-lo de maneira a “manejar o saber da academia e o saber do inconsciente preconizado na psicanálise de uma forma criativa e produtiva, como Freud nos transmitiu” (Maesso et al., 2019, p. 117).

Esta introdução foi escrita ao final do trabalho, como mais uma testemunha do impossível de dizer e do desejo de seguir tentando, habitando o não-todo saber psicanalítico e buscando construir algo no *entre* simbólico e real. Para este percurso, a dissertação foi dividida em dois capítulos.

No primeiro capítulo, *O inconsciente, a fala que falha e a metáfora*, propomos uma travessia por algumas obras freudianas a fim de relacionar o mecanismo de condensação presente nos sonhos, chistes e metáforas com o sujeito do inconsciente, que, ao falar, diz mais do que gostaria. O subitem 1.1 tem o objetivo de destrinchar uma citação de Freud acerca da condensação, demonstrando que alguns aspectos centrais para a prática clínica e para a escrita desta dissertação possuem afinidade teórica com tal mecanismo.

No subitem 1.2, aprofundamos na conexão presente entre a condensação, os chistes e as metáforas, figurando como importantes vias de acesso ao inconsciente. O subitem 1.3 contempla a dimensão poética da metáfora, dando destaque à sua função criativa e o modo como pode contribuir para trazer o sujeito à tona; pavimentando o capítulo seguinte, que aborda a função do analista enquanto uma escuta atenta ao sentido e suas brechas.

No segundo capítulo, *Um analista perspicaz*, buscamos demonstrar a importância de o analista ir além do discurso intencional do paciente, adentrando nas fendas e não-ditos, para que assim possa se aproximar do sujeito do inconsciente e do desejo. O subitem 2.1 apresenta algumas metáforas para ilustrar o que chamamos de perspicácia do analista, no sentido de surpreender o paciente com outras perspectivas, criativas, que toquem onde escapa a significação.

Os subitens 2.2 e 2.3 se iniciam a partir de vinhetas clínicas, dando exemplos de como o manejo da metáfora pode se dar em um contexto de análise e demonstrando os efeitos surgidos de tais intervenções. Ademais, abordamos a relação entre as metáforas e alguns aspectos basilares para nossa *praxis*, elaborando acerca de intervenções do analista, transferência, desejo e a importância de o sujeito advir em sua singularidade e criatividade.

Para a conclusão, articulamos pontos nodais dos dois capítulos, buscando reiterar a importância do estudo da fala e da linguagem para a prática clínica, atentando para o potencial transformador de quando se pode escutar o jogo do sentido e pontuar isso na transferência. Ferramentas linguísticas como a metáfora podem mudar o ritmo das sessões, já que abrem novos caminhos e favorecem que o sujeito se depare com o trilhamento de seu desejo.

Capítulo 1: O Inconsciente, a Fala Que Falha e a Metáfora

1.1. O que Vem no Princípio?

Era realmente o verbo que estava no começo, e vivemos em sua criação, mas é a ação do nosso espírito que dá continuidade a essa criação, renovando-a sempre. (Lacan, 1953/1998, p. 272)

O título deste subcapítulo é a marca de uma inquietação: como se começa algo? Diante de possibilidades que beiram o infinito, como escolher por onde começar? A Bíblia nos diz que o começo é o verbo, Deus (Bíblia Almeida Corrigida Fiel, n.d., João 1:1). Lacan retoma essa ideia quando afirma que o princípio é a linguagem, o Outro. Alguns psicanalistas (Susemihl, 2017; Bernardes, 2023) dizem que o início da psicanálise é *A interpretação dos sonhos*; e poderíamos seguir num deslizamento interminável de potenciais começos para este trabalho.

Escolher um princípio é tarefa quase impossível, mas uma possibilidade é encarar o significante “princípio” não só como um começo, mas como um norte. O trabalho está começado, uma escolha foi feita, e, como compôs Alex Turner (2007), “*the middle of adventure, such a perfect place to start*” – o meio de uma aventura, um lugar perfeito para começar. A música sempre contribui com o inexprimível.

Um dos atravessamentos ao longo da aventura desta pesquisa foi uma citação em *A interpretação dos sonhos*, na qual Freud (1900/2019) se questiona sobre como ocorre a seleção do pensamento onírico que irromperá para se tornar um sonho. Dentre tudo o que perpassa o sujeito, entre conteúdos latentes e restos diurnos, o que marca o início de um sonho? Todos os questionamentos que surgiram até então apontam para o fato de que as escolhas dos sujeitos, os sonhos e começos de cada um, podem até ser escolhas inconscientes, mas não são aleatórias.

Ao longo da obra supracitada, o autor explica que a maioria dos pensamentos conscientes preservam uma relação de contato com os pensamentos oníricos inconscientes; são pontos nodais de encontros de vários sentidos para o sujeito, que vão compondo a base da

formação dos sonhos. A partir disso, quanto mais intensos esses conteúdos, menos bem-vindos serão à consciência, e mais extenso será o trabalho de condensação. Isso pode fazer com o que ocorram transformações verbais e trocas de expressões a serviço da condensação, consistindo em:

Achar uma combinação verbal que, sendo ambígua, permite a expressão de mais de um dos pensamentos oníricos. Todo o âmbito dos jogos de palavras é assim aproveitado no trabalho do sonho. Não devemos nos surpreender com o papel que cabe à palavra na formação do sonho. A palavra, como ponto nodal de representações múltiplas, é como que predestinada à ambiguidade, e as neuroses (ideias obsessivas, fobias) aproveitam, de modo tão desinibido quanto o sonho, as vantagens que a palavra oferece para a condensação e o disfarce. (...) A troca de duas palavras inequívocas por uma palavra ambígua causa equívocos, e a substituição de uma expressão cotidiana e sóbria por uma expressão figurativa dificulta nossa compreensão, principalmente porque o sonho nunca diz se os elementos por ele apresentados devem ser interpretados no sentido literal ou figurado. (Freud, 1900/2019, p. 383)

Freud (1900/2019) propõe que os sonhos são formados a partir de condensações e deslocamentos; tais processos se complementam e estão correlacionados, não só no sonho, mas no inconsciente em si. No deslocamento, a intensidade de uma representação psíquica é transferida para outra menos significativa; há um deslizamento de um conteúdo importante para um detalhe mais trivial. Já o mecanismo de condensação consiste em uma junção de conteúdos latentes no sonho, que se condensam e passam a ser representados por uma única ideia ou imagem.

Para os fins desta pesquisa, daremos destaque ao mecanismo de condensação, privilegiando o paralelo que Lacan faz posteriormente, quando relaciona a condensação com a figura de linguagem da metáfora.

Além da condensação, Freud também faz referência, na citação acima, a alguns aspectos basilares da técnica psicanalítica. Ele fala: (a) da escolha do sujeito em fazer suas combinações verbais; (b) da ambiguidade e equívocidade presentes no discurso; (c) da importância dos jogos de palavras; (d) da relação da palavra com o sonho e as neuroses; e até (e) da dificuldade em escutar e compreender o relato dos pacientes.

Buscando destrinchar a citação, em relação ao item (a), nos atentamos para o fato de que as mesmas palavras estão disponíveis para todos os falantes de uma língua, mas há uma escolha inconsciente do sujeito diante de seus enunciados: ao se deparar com a ambiguidade, por exemplo, ele precisa escolher, ainda que inconscientemente, um sentido dentre outros (Souza Jr., 2023). E se os ditos podem ser interpretados de muitas maneiras, o sentido não vem só das palavras, mas de quem as diz.

No item (b), vale ressaltar que Freud nos atenta para o papel fundamental da ambiguidade, não só para os sonhos, chistes e metáforas, mas para a psicanálise em si, já que é uma característica que atravessa toda a lógica do inconsciente. A ambiguidade, em conjunto com a característica polissêmica das palavras, pressupõe o eventual desencontro entre palavra e coisa. Segundo Lacan (1957-1958/1999), “a equivocação e o desconhecimento são um caráter fundamental da linguagem, constituem dela uma dimensão essencial” (p. 100).

Esse ponto em que o sentido vacila e a propriedade ambígua da palavra dá espaço a novos sentidos é justamente onde o sujeito pode se colocar e fazer sua escolha por uma fala própria. Quando uma metáfora se dá, surge a possibilidade do sujeito se colocar nas brechas que foram deixadas pela ambiguidade e pela equívocidade, inerentes à linguagem. A metáfora preserva tais propriedades – ambiguidade e equívocidade – tão caras à psicanálise, já que é uma figura de linguagem utilizada para dizer que uma coisa é como a outra, e não para definir o que a coisa de fato é.

Ainda levando em conta o aspecto dinâmico da metáfora, Telles (1979) propõe que ela faz parte de um jogo de escamoteamento, “que consiste em substituir uma coisa por outra, não tanto por vontade de chegar a esta, mas por empenho em fugir daquela” (p. 9). Tal descrição remete também ao modo como nos aproximamos de nossos conteúdos inconscientes, ao mesmo tempo fascinantes e assustadores, estranhos e familiares.

Quando menciona o jogo de palavras (item c) no trecho acima, Freud parece iniciar um trilhamento para seu trabalho posterior, *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905/2017), no qual faz um paralelo entre o chiste e o sonho. Ambos são produzidos pelos mesmos processos psíquicos: condensação e deslocamento. No entanto, ao se aprofundar no chiste, no jogo de palavras espirituoso, Freud chega a se questionar se a condensação enquanto formação substitutiva seria a sua característica universal. Ao longo da obra, ele conclui que nem sempre é assim, mas a condensação segue sendo uma categoria superior, uma forte tendência na formação dos chistes.

Embora Freud se dedique longamente a investigar também a questão da comicidade do chiste, outros fatores sobressaem em termos da técnica psicanalítica. Para ele, o chiste revela um conteúdo oculto, e talvez por isso carregue consigo uma brevidade: “é claro que a brevidade não é em si um chiste, pois do contrário qualquer laconismo seria um chiste. A brevidade do chiste tem que ser de um tipo particular” (Freud, 1905/2017, p. 43).

Freud comenta que a maioria dos chistes tem um certo tempo de vida: vai florescer, declinar e depois acabará no completo esquecimento. No entanto, carregam uma força vital, e há uma necessidade humana de produzir chistes, assim como de testemunhar a revelação do oculto num dribble de censura. Sua particularidade é a brevidade do espanto, tão característico do encontro evanescente com o inconsciente e que pode comparecer também nos possíveis encontros com o real.

Diferentemente do que a consciência poderia antecipar ou planejar, o inconsciente se manifesta como um susto – algo estranho, que não se pode forjar nem se consegue evitar. É um reencontro do conhecido, um re-conhecer, já que “esse achado, uma vez que ele se apresenta, é um reachado, e mais ainda, sempre está prestes a escapar de novo” (Lacan, 1964/2008, p. 32).

A experiência de um falante é feita de encontros e desencontros, do que pode ser entendido, subentendido e mal-entendido. Isso porque as palavras servem ao mais íntimo de um sujeito, sustentando-o subjetivamente e, como nos relembra Freud, estão diretamente ligadas à formação das neuroses – item (d).

A relação entre a palavra e a neurose se fortalece na teoria lacaniana, que relaciona intimamente a estrutura do sujeito à manifestação do significante, já que é ele que pode exprimir o significado desaparecido. É no jogo significante que o sujeito fala e, assim, pode aparecer, inclusive enquanto sintoma e estrutura psíquica. Originalmente, um significante não significa nada, e é a partir disto que pode significar tudo – para um sujeito (Lacan, 1955-1956/1985).

Em *Função e campo da fala e da linguagem*, Lacan vai dizer, a partir da leitura do texto freudiano *A Psicopatologia da vida cotidiana* (Freud, 1901/2021), que o sintoma pode se resolver a partir de uma análise linguageira, “por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada” (Lacan, 1953/1998, p. 270).

Se a *praxis* analítica acontece na escuta do sujeito do inconsciente, reconhecer o modo como ele se manifesta é não só central na teoria, mas essencial para afinar a escuta clínica. Libertar a fala do paciente passa por escutar sua palavra quando fala e quando falha; é preciso estar interessado nas palavras e na riqueza do que elas podem entregar – incluindo o silêncio.

Não há como pensar a constituição subjetiva sem levar em conta as palavras; somos permeados por elas antes mesmo de nascermos. Ademais, corpo e linguagem se atrelam muito

primitivamente. Para Lacan (1964/2008), anteriormente a qualquer formação do sujeito, ele já é contado, e num momento posterior se reconhecerá como contador. Ou seja, nascemos em um berço repleto de palavras, um campo que nos precede, nos marca e estrutura – somos costurados pelas palavras basilarmente, a nível pré-subjetivo:

Antes ainda que se estabeleçam relações que sejam propriamente humanas, certas relações já são determinadas. (...) A natureza fornece, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhes dão as estruturas, e as modelam. (Lacan, 1964/2008, p. 28)

No *Seminário 2*, Lacan (1954-1955/2010) afirma que “o sentido é que o ser humano não é senhor desta linguagem primordial e primitiva. Ele foi jogado aí, metido aí, ele está preso em sua engrenagem” (p. 413). O sujeito é efeito da linguagem, não tem nenhum tipo de autoridade ou controle em relação ao campo que o recebe ao nascer; e vai se constituir a partir disso, dos moldes dessa engrenagem.

Faço aqui um breve parêntese para, ainda referida à citação supracitada, propor a associação com o aforismo freudiano de que “o eu não é senhor de sua própria casa”, que evidencia o descentramento do sujeito em relação à consciência, e indica que o eu não responde pela totalidade de um sujeito. Retomemos: o eu é efeito da linguagem, e não a origem dela.

Posteriormente, Lacan (1964/2008) nos atenta: “nesse campo do inconsciente, o sujeito está em casa” (p. 42), ou seja, ainda que não seja possível ser senhor de sua casa ou da linguagem, há um lugar onde o sujeito faz casa: o inconsciente; e, assim, habita também o eu e a linguagem.

Contudo, isso não se passa indefinidamente ou plenamente, já que “o sujeito em sua casa, a memorialização da biografia, tudo isso só marcha até um certo limite, que se chama o real” (Lacan, 1964/2008, p. 55). Ou seja, enquanto seres falantes, somos atravessados por diversos fatores, e esbarramos sempre na condição faltante do simbólico.

Novamente, pontuamos a relação entre o simbólico e o real, atentando para os limites da simbolização. O inconsciente, mesmo evanescente, tem uma representação possível, ainda que incompleta e indireta; no entanto, o real é da ordem do irrepresentável, do indizível.

Feito esse parêntese, retomamos a entrada do sujeito na linguagem. É importante falar do lugar do Outro: o sujeito faz sua entrada no registro da fala por meio de um Outro, e assim, se insere em sua própria cadeia de linguagem.

Lacan fala de uma ambiguidade inicial entre o eu e o Outro, de uma distinção difícil de ser feita num primeiro momento, já que “o desejo está obrigado à intermediação da fala, e é patente que essa fala só tem seu estatuto, só se instala, só se desenvolve por sua natureza no Outro como lugar da fala” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 369). É no campo do Outro, enquanto tesouro dos significantes, que o sujeito vai poder encontrar seu campo simbólico, tornar-se um ser falante.

Vale destacar que a entrada do sujeito na linguagem acontece às custas de uma perda fundamental, que o faz sujeito barrado: na medida em que o Outro é marcado pelo significante, o sujeito também o é, e isso necessariamente implica a condição de que há sempre algo para além, um resto que escapa à simbolização (Lacan, 1957-1958/1999).

O contato com o Outro e a linguagem é um processo inconsciente, que em sua relação íntima com a hiância e o resto, coloca luz no aspecto também estruturante da falta: “o inconsciente se manifesta sempre como o que vacila num corte do sujeito – donde ressurgem um achado que Freud assimila ao desejo” (Lacan, 1964/2008, p. 34).

O inconsciente, porta de entrada para o desejo, não fornece nenhum direcionamento, não demonstra se ou como quer ser interpretado e tampouco dá sinais de sua chegada, o que faz de sua captura impossível. É o que nos atenta Freud em sua citação, no que denominamos item (e), quando menciona as dificuldades na escuta de um sujeito.

O que se escuta em análise é o sujeito do inconsciente, da linguagem, esse que se revela nas fendas de sentido. O que é ôntico na função do inconsciente é justamente a fenda, na medida em que algo pode ser trazido à luz e, logo em seguida, num segundo tempo, desaparecer em razão de seu fechamento. Isso atribui às aparições do inconsciente um caráter evanescente e inesperado (Lacan, 1964/2008).

A partir disto, não se trata de compreender, mas de respeitar a palavra enquanto função criativa e equívoca. Freud nos alerta desde os primórdios da teoria acerca da importância de tomar o sujeito em sua singularidade, sem pressa de compreendê-lo, podendo acompanhar a construção das vias para que ele acesse a verdade de seu desejo.

Relembro que os cinco itens analisados, que dizem tanto da prática clínica e da concepção de sujeito em psicanálise, foram retirados de uma passagem freudiana que versa sobre a condensação. Seguindo o fio da teoria lacaniana, que faz um paralelo entre a condensação e a metáfora, pode-se dizer que ela se relaciona com o sujeito não só em seus sonhos, mas em sua fala e no modo como seu inconsciente se manifesta.

Tanto a citação freudiana que serviu como norte desta seção quanto o que foi elaborado a partir dela possibilitam dizer que a psicanálise propõe uma visão disruptiva – e complexa – acerca do que é tornar-se sujeito. Suas vivências e o modo como fala delas podem ser atravessados por diversos fatores, e não há nenhuma garantia de que tudo isso esteja claro, para ele mesmo ou para qualquer outro.

Sendo assim, o que vem no princípio e um dos princípios da *praxis* analítica é tomar o sujeito como descentrado, habitando sua casa apesar do não-senhorio sobre ela; é “alguém que não está livre de sucumbir ao fato de que a língua, ultrapassando seu eu, pode falá-lo” (Souza Jr., 2023, p. 29). A escuta do analista, então, parte do modo como a psicanálise concebe o sujeito do inconsciente, aquele que subverte o *cogito* cartesiano e pode, também, existir e constituir um saber onde não racionaliza.

1.2. O Sujeito e seu Inconsciente: Do Sonho à Metáfora

o inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar. (Lacan, 1953/1998, p. 260)

Uma das rupturas mais importantes da psicanálise com outros campos de conhecimento é em relação à ideia de “eu”. Indo na contramão de conceitos universalizantes ou de uma primazia da racionalidade humana, a psicanálise funda um local próprio para o sujeito: este é o sujeito do inconsciente, da linguagem, aquele que fala e se coloca em posição de dizer de si – condição que o faz dizer, nas entrelinhas, mais do que pensa dizer.

Elia (2007) afirma categoricamente que “a psicanálise é uma experiência da e com a palavra” (p. 129), que se consagrou a partir de um dos efeitos dela: a fala. Em meados de 1880, Freud se propôs a tomar o sintoma histérico como enigma e ir além do orgânico, convocando suas pacientes a dizerem o que lhes viesse à mente. Atestou assim que a via de acesso ao inconsciente e ao sintoma é a palavra. Posteriormente, Lacan retoma Freud reafirmando que “o conhecido do inconsciente vem a nós em função das palavras” (Lacan, 1959-1960/2008, p. 44). A proposta freudiana – que não prescinde do discurso científico, mas vai além dele – segue viva atualmente, e retoma o compromisso de cada analista com uma escuta que dê espaço para que o sujeito do inconsciente possa advir por meio da fala, partindo da premissa de que a palavra não é unívoca, mas equívoca.

No *Seminário I*, Lacan (1953-1954/2009) se questiona: “por que as mesmas palavras se tornam então eficazes, e marcarão um verdadeiro progresso na existência do sujeito?” (p. 314). Numa tentativa de resposta, o autor aponta para o fato de as palavras estarem inseridas na linguagem, e sustentarem o mais-além, a partir de seus múltiplos empregos e sentidos. A polissemia das palavras favorece o jogo linguístico em que é possível um dizer em camadas,

nas entrelinhas, já que pode existir algo por trás do que foi dito, e algo além dele; o querer-dizer assume uma dimensão mais flexível, e que nunca se esgota.

Qual seja, a maneira certa de responder à pergunta ‘quem está falando?’, quando se trata do sujeito do inconsciente. Pois essa resposta não poderia provir dele, se ele não sabe o que diz e nem sequer que está falando, como nos ensina a experiência inteira da análise. (Lacan, 1960/1998b, p. 815)

Lacan recorre mais uma vez à linguística para diferenciar enunciado e enunciação. Em um nível que excede o que é dito, existe algo que o sujeito não sabe que diz: seu dizer, que abarca o sentido e deixa subsistir o não-sentido. Paralelamente, para além de seus enunciados e sentidos, o sujeito é o da enunciação, que denuncia sua posição como faltante.

Em resumo, o sujeito está na enunciação, no dizer que não se reduz e nem equivale ao que é dito; mas produz efeitos que ultrapassam o sentido. Dor (2004) sintetiza que Lacan assimila “o sujeito do inconsciente, o sujeito do desejo, ao sujeito da enunciação” (p.36).

Ainda referida à citação de Lacan, lembro-me de uma anedota do psicanalista italiano Contardo Calligaris, que veio ao Brasil nos anos noventa e escreveu sobre o seu estranhamento quando alguém ligava no telefone fixo e perguntava “oi, de onde fala?”; e se questiona “mas não seria ‘quem fala?’”. Ele brinca que tem algo brutal na fala brasileira ao fazer uma pergunta tão íntima a quem mal se conhece, afinal, é fato que sim, nós falamos de um lugar (Calligaris, 1986).

Não é o eu quem se enuncia, porque não se trata de quem fala, e sim de onde o sujeito fala. O lugar do sujeito, o modo como habita seu corpo, suas relações e o berço de linguagem onde nasceu, isso é o que pode se transformar em uma enunciação, na medida em que faz comparecer o que pôde e o que não pôde ser simbolizado. O limite para a simbolização, o real, é esse lugar irrepresentável onde o sujeito quando pensa, não pode encontrar (Lacan, 1964/2008).

Em *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900/2019) menciona que existe um ponto nos sonhos que resiste à simbolização. O umbigo do sonho “representa este ponto pelo qual o ser foge nas profundezas, em parte perdido, em parte se perdendo sempre” (Bataille, 1988, p. 69). É um ponto que, como nos lembra Lacan, não se encontra a partir do pensamento ou da racionalidade; antes, refere-se a um movimento de perder-se e encontrar-se.

A partir do estudo dos sonhos, Freud (1900/2019) conclui que os mecanismos oníricos principais são a condensação e o deslocamento. Este trabalho o conduz a elucidar o conceito de inconsciente, que segue as mesmas leis de funcionamento do sonho. Tal pressuposto pavimenta o caminho traçado por Lacan posteriormente, quando introduz a metáfora e a metonímia enquanto operações do inconsciente estruturado como linguagem: o que Freud chama de condensação é o que se chama em retórica de metáfora, e o que ele chama de deslocamento se refere à metonímia (Lacan, 1955-1956/1985).

Pensar o inconsciente enquanto estruturado a partir de mecanismos, garante que nele haja algo de qualificável, acessível e objetivável (Lacan, 1964/2008). Por essa razão, diferencia-se da instância do real, que permanece irrepresentável e não-simbolizável. Trata-se de considerar que o inconsciente, ainda que não seja intangível como o real, tem seu próprio tempo e suas próprias vias. Dentre elas, a condensação/metáfora e o deslocamento/metonímia.

Em 1905, com *O chiste e sua relação com o inconsciente*, Freud (1905/2017) consolida que a condensação e o deslocamento se dão num momento inconsciente de pensamento, ou seja, é o inconsciente que dá condições para que tais processos possam ocorrer. Além disso, tais mecanismos não são exclusivos do sonho, comparecendo também de forma determinante nos chistes – descoberta que vai conduzindo o estudo de Freud nos avanços da teorização do inconsciente.

Para Lacan (1957/1998), os paralelos traçados entre o sonho e o chiste se configuram, juntamente com a obra *Psicopatologia da vida cotidiana*, como os principais artigos para

compreender as manifestações do inconsciente. Acerca de tais paralelos, Freud (1905/2017) afirma:

Os interessantes processos da condensação com formação substitutiva, que reconhecemos como o núcleo da técnica do chiste verbal, nos conduziram à formação dos sonhos, em cujo mecanismo se revelam os mesmos processos psíquicos. Mas é justamente essa a direção apontada pelas técnicas do chiste intelectual, o deslocamento, o erro de raciocínio, o absurdo, a representação indireta, a representação pelo oposto, que reaparecem todas no trabalho onírico (...) uma concordância tão grande quanto essa entre os recursos do trabalho chistoso e do trabalho onírico não pode ser fortuita. (pp. 127-128).

A partir desta concordância, Freud se dedica a explicar detalhadamente o que se passa no chiste, investigando seus fundamentos e apostando nesse estudo enquanto uma ampliação da compreensão da técnica. Ao justificar tamanho esforço na investigação do chiste, ele diz:

Posso apelar ao fato de que há uma conexão íntima entre todos os acontecimentos psíquicos capaz de assegurar que um conhecimento psicológico sobre um dado âmbito tenha considerável valor também para outros âmbitos, aparentemente distantes daquele. (Freud, 1905/2017, p. 25)

Em consonância com o que Freud sugere, acredita-se ser frutífera a correlação entre conceitos distintos da psicanálise, traçando semelhanças, diferenças e assim avançando na teoria. Analogamente, num processo de análise, uma palavra puxa a outra e *voilà*, algo salta na escuta. A partir disso, o que proponho nesse trabalho é um estudo coerente com o saber criativo que Freud introduz: um conceito nos leva ao outro e assim podemos traçar novos jeitos de pensar a técnica, escutar o sujeito e contribuir para que ele se repositicione subjetivamente.

Freud aponta o paralelo entre o sonho e o chiste, e no *Seminário, livro 5*, Lacan (1957-1958/1999) retoma o estudo do chiste, afirmando ser esta uma porta de entrada privilegiada

para o estudo das formações do inconsciente, ou seja, para o modo como o inconsciente se manifesta: “essa é não apenas a melhor entrada, mas também a mais brilhante forma com que o próprio Freud nos aponta as relações do inconsciente com o significante e suas técnicas” (p. 12). Além disso, “acha-se num nível elevado da elaboração significante” (p. 49).

Quando produz um chiste, o sujeito joga com o poder do significante, explora inconscientemente aspectos da linguagem como sons, homofonias, jogos de palavras, ambiguidades... E o faz de maneira refinada e criativa, ainda que só perceba num momento posterior. Ou seja, o chiste demonstra com certa engenhosidade, a partir de um significante, que houve trabalho do inconsciente.

Ainda em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, Freud (1905/2017) diz que “vários dos recursos do chiste também encontram aplicação fora dele na expressão de pensamentos, como, por exemplo, nas metáforas e alusões” (p. 239). Assim, vai se delineando a possibilidade de relação entre o sonho, o chiste e as metáforas, que se consolidam como vias privilegiadas de acesso ao inconsciente, pautadas nas leis do significante que se manifestam na fala.

Uma diferença entre o sonho e o chiste é que o segundo não evita a inibição, respeitando alguns limites que o sonho ultrapassa (Freud, 1905/2017). Propõe-se que, assim como o chiste, as metáforas preservam sua relação com o oculto e o absurdo, mas de uma maneira socialmente aceita e até agradável. São representações indiretas, instigantes, que oferecem um gracejo, assim como relata Freud sobre o funcionamento do chiste:

insistindo antes em conservar inalterado o jogo com a palavra ou com o absurdo, mas se limita a escolher casos em que esse jogo ou esse absurdo possa parecer ao mesmo tempo aceitável (gracejo) ou rico em sentido (chiste), graças à ambiguidade das palavras e à diversidade das relações entre os pensamentos. (p. 246)

Lacan (1957-1958/1999) afirma que o chiste tem duas faces. De um lado, a face do significante, que proporciona a liberdade de explorar a ambiguidade fundamental das palavras

e dos sentidos, e que carrega uma polivalência essencial e uma função criadora sobre o sentido. Por outro lado, a face inconsciente, evocada pelo exercício do significante, que se manifesta também em sonhos, atos falhos e sintomas, seguindo as leis que estruturam a fala: a metáfora e a metonímia.

Ainda no *Seminário 5*, acerca dos chistes, Lacan (1957-1958/1999) se pergunta: “Será isso um ato falho ou um ato bem-sucedido? Uma derrapagem ou uma criação poética? Não sabemos. Talvez seja tudo ao mesmo tempo. Mas convém nos determos, precisamente, na formação do fenômeno no plano significante estrito” (p. 32). Desse modo, depreende-se que tais fenômenos dependem do plano significante e da possibilidade de escapar ao código das significações. A relação entre chistes, metáforas e efeito poético ainda será detalhada, mas salientamos que há uma afinidade entre metáforas, derrapagens, criações poéticas e atos falhos bem-sucedidos, à medida que se abre um espaço em que algo pode transgredir a significação.

Explorar a função criativa da palavra corrobora o aspecto disruptivo da psicanálise, ao fazer corte a uma ideia adestradora e normativa de discurso. Além disso, o avanço da psicanálise passa impreterivelmente por explorar a palavra e seus efeitos, pois é surpreendente como a linguagem pode se tornar reveladora e criativa ao dizer uma coisa enquanto diz outra. Salum (2024) retoma Lacan para dizer da importância da fala, que é a palavra em movimento, possibilitando também a suspensão de sentidos.

Lacan (1953/1998) defende que, ao pensar a transmissão, a apreensão e a execução da técnica psicanalítica, não se pode prescindir dos fundamentos da fala e da linguagem, ressaltando a importância dos recursos da língua, em consonância com os ensinamentos de Freud. Buscando restituir o rigor teórico do que define o inconsciente freudiano, é preciso estar atento aos efeitos da fala no inconsciente do sujeito e aos efeitos de seu inconsciente que aparecem em sua fala. Mais tarde, Lacan reitera que “o inconsciente é a soma dos efeitos da fala, sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante”

(Lacan, 1964/2008, p. 126). Sendo assim, o estudo da técnica psicanalítica se coloca como inseparável do aprofundamento dos recursos linguísticos, e isso é postulado desde Freud.

Pensar o inconsciente estruturado como uma linguagem pressupõe que alguns elementos funcionam em certa integração, como uma estrutura em um plano linguístico; Lacan (1957-1958/1999) afirma que há duas linhas que se cruzam: uma do discurso corrente/racional e outra do discurso concreto do sujeito, referindo-se ao significado e ao significante, respectivamente. São fluxos distintos, mas fadados a um deslizamento constante e perpétuo um sobre o outro.

Para Lacan (1955-1956/1985), as duas linhas se relacionam, e é dessa relação que provém o discurso. Ambas levam em conta que o significante nunca responde de forma unívoca, mas, na linha racional, muitos sentidos já estão dados; por isso, o espaço de criação é mínimo. A linha do discurso do sujeito inclui “possibilidades de decomposição, de reinterpretação, de ressonância e de efeitos metafórico e metonímico” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 19).

Pensar essa relação envolve a consideração de que, nos atos de linguagem, existe uma diacronia, a passagem de uma linha ao longo do tempo, e uma sincronia, que rompe a linearidade do tempo. A sincronia é “evocada pela possibilidade permanente de substituição que é inerente a cada um dos termos do significante” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 35).

Ao longo do *Seminário 5*, Lacan reforça essa ideia dizendo que uma concatenação bem-feita, como ocorre na poesia, por exemplo, pode gerar novas combinações e sentidos plausíveis até o fim dos séculos (Lacan, 1957-1958/1999). A partir disto, o que impede que os significantes permaneçam indefinidamente em deslizamento?

Existe um ponto de basta. É preciso que o sentido se estabilize, ainda que momentaneamente: significante e significado se atam por um instante na trama da linguagem e, a partir dessa convergência, é possível situar retroativa e prospectivamente o que se passa no

discurso (Lacan, 1955-1956/1985). Na estrutura neurótica, a metáfora paterna é um ponto de basta fundamental na cadeia significante, que integra a ordem simbólica no discurso e, por conseguinte, possibilita as metáforas posteriores.

Não se sabe dizer exatamente quantos pontos de ligação fundamental um sujeito necessita para se constituir, mas Lacan adverte que eles precisam se estabelecer, e não podem afrouxar demais, uma vez que a estabilidade da cadeia significante depende de tais amarrações (Lacan, 1955-1956/1985).

O ponto de basta é uma pausa; funciona para que o sujeito arremate algo, saiba onde se ater. Deve ter uma certa elasticidade, não podendo ser apertado demais, já que é impossível alinhavar completamente significante e significado. No entanto, “o que se pode fazer é atar um significante num significante e ver no que dá” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 202). Nesses casos, sempre se produz algo novo, inesperado: é o que se passa na metáfora.

O que está na base da criação metafórica é a cadeia significante (Lacan, 1957-1958/1999) e sua propriedade metonímica, favorecendo combinações, recombinações e substituições. Os significantes estão encadeados (e em cadeados), trazendo algo de um enigma e uma indecifrabildade própria também ao sintoma. Não temos a chave que abre o sentido original, mas a cadeia pode ser encadeada de uma nova forma, construindo novos sentidos e metáforas.

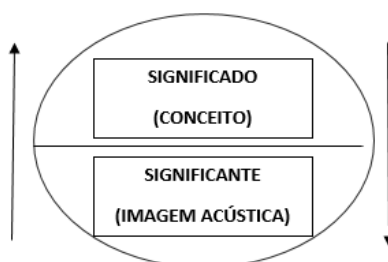
Paradoxalmente, o poder combinatório e condensatório da cadeia significante pode gerar equívocos, fazendo escapar algo da verdade do sujeito, e é também a partir disto que se pode reconhecer algo do funcionamento inconsciente. Lacan (1953/1998) diz que “qualquer junção de dois significantes seria equivalente para constituir uma metáfora, (...) ou para que tenha lugar a criação metafórica” (p. 510). Em resumo, “uma palavra por outra, eis a fórmula da metáfora” (p. 510).

Posteriormente, no *Seminário 5*, Lacan (1957-1958/1999) esclarece que a substituição de significantes na cadeia simbólica é uma condição a partir da qual se torna possível a criação metafórica, e é no lugar onde ocorre a substituição que a metáfora pode se produzir. É preciso cuidado para não dizer que a substituição é a metáfora, já que, segundo ele, isso seria considerado um abuso de linguagem: a metáfora é o resultado verbal de toda uma operação inconsciente de substituição e condensação de significantes.

Como um breve comentário, esclarecemos que a concepção da metáfora enquanto uma operação com os significantes parte da elaboração lacaniana acerca do signo linguístico proposto por Ferdinand de Saussure, bem como das contribuições posteriores de Roman Jakobson, que tem particular importância ao elevar a metáfora e a metonímia à categoria de lei geral da linguagem.

No entanto, outro cuidado é não tomar a metáfora, enquanto artifício de linguagem, como equivalente à operação subjetiva de substituição de significantes como Lacan propõe (Barbosa, 2020). As metáforas corriqueiras na língua não são necessariamente processos de substituição significativa, assim como nem toda escrita em versos produz efeito poético.

Para esta pesquisa, gostaríamos de enfatizar que a metáfora se dá num plano significante; ela só é possível devido a uma estruturação em cadeia que possibilita a substituição de um significante por outro. Para isso, faz-se importante situar que, originalmente, a teoria acerca de significados e significantes foi proposta por Saussure, que os apresenta como componentes do signo linguístico:



Para esse linguista, significado e significante compõem um signo linguístico, não para unir a palavra à coisa, mas para estabelecer uma relação entre um conceito e uma imagem acústica, um som. Sendo assim, significado e significante podem se movimentar de acordo com as setas, e não possuem uma relação de hierarquia ou fixidez (Salum, 2024).

Já para Lacan (1957/1998), o significante tem primazia sobre o significado – ele inverte, assim, o signo saussuriano, fixando o significante sobre o significado e atribuindo à barra um valor de resistência à significação. “Há, portanto, uma assimetria resultada da abundância do significante em detrimento da insuficiência dos significados” (Salum, 2024, p. 28), ou seja, não é possível um colamento entre significado e significante, o que dá espaço para equívocos, ambiguidades, homofonias, mal-entendidos, dentre outros efeitos.

Tal preceito também se esclarece ao analisarmos a fórmula da metáfora (Lacan, 1957/1998, p. 519):

$$f\left(\frac{S'}{S}\right)S \cong S (+) s$$

Nesta fórmula, S substitui S' na cadeia significante, e essa substituição “produz um efeito de significação que é de poesia ou criação” (Lacan, 1957/1998, p. 519). Trata-se de um efeito, visto que nenhuma metáfora contém todo o sentido; é uma operação que preserva a incompletude e o desencontro entre significante e significado. Lacan (1957/1998) sintetiza isso ao afirmar que “é na cadeia significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento” (p. 506).

Ou seja, não há uma significação garantida e unívoca, mas a possibilidade de que surjam sentidos, que vão fracassando e dando lugar a novos, graças ao deslizamento inerente à cadeia significante: “não se trata do signo, onde o sentido está na ilusão de fechamento entre significante e significado (...) A significação, para Lacan, é o efeito produzido de forma retroativa pela cadeia associativa. Ela nunca será prévia à narrativa” (Salum, 2024, p. 40). O

significante, por sua natureza acústica, se antecipa ao sentido, à significação (Lacan, 1957/1998, p. 505).

O que se passa numa metáfora não é o surgimento de um significado, mas do efeito de significação, referido à significação anterior: o significante substituído não desaparece completamente, ele segue tendo influência no resultado final da operação simbólica, daí o mecanismo de condensação. O efeito de significação é produzido de forma retroativa, ancorado na propriedade significante de se organizar em cadeia, sempre em relação com outro significante (Salum, 2024).

O fato de ser um efeito de poesia e criação também alude à singularidade do processo, que depende de como a cadeia significante do sujeito se organiza e das construções criativas possíveis a partir dela. As operações inconscientes dizem do sujeito, e é particular o modo como ele transgride uma significação usual proporcionando que um efeito poético se dê.

Segundo Lacan, na formação do chiste e, paralelamente, da metáfora, “houve algo que caiu dentro do intervalo, que é eludido na articulação do sentido, ao mesmo tempo que se produziu alguma coisa que comprimiu, que embutiu um no outro o *familiar* e o *milionário*, de modo a produzir *familionário*” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 34). O emprego do termo “eludido” salienta a ideia de que houve um contorno ou esquiva, que remete à condição inconsciente de um saber não-sabido, de um significante que está recalcado e pode vir à tona.

O chiste *familionário* é o exemplo freudiano que Lacan (1957-1958/1999) destrincha no *Seminário 5*, com o objetivo de avançar na técnica da tirada espirituosa. Na passagem citada, ele retoma a operação da fórmula da metáfora, na qual um significante S substitui S' e se produz algo novo, incluindo processos de substituição e condensação. Adiante, nesse mesmo trabalho, Lacan retoma a relação entre o chiste, a metáfora e a condensação dizendo que “não é preciso ter possibilidades extraordinárias de intuição para perceber que deve haver alguma relação entre a fórmula da metáfora e o que Freud nos esquematiza sobre a formação do *familionário*”

e que “a condensação, podemos dizer assim, é uma forma particular do que pode produzir-se no nível da função de substituição” (p. 34).

Lacan (1953/1998) frisa também a importância da barra, enquanto o agente que viabiliza a operação de substituição e indica que há uma diferença entre S' e S , um resto que escapa, oferecendo resistência à possibilidade de uma significação completa. Outro sinal que chama a atenção na fórmula é o símbolo de congruência (\cong) entre os dois lados da operação, evidenciando que os estados em cada fase não são iguais, ainda que partilhem do fato de serem ambos inconscientes e produzirem efeitos sobre o sentido.

No *Seminário 5*, Lacan (1957-1958/1999) chega a dizer que “não existe sentido senão metafórico” (p. 16), ou seja, os sentidos não estão dados, eles surgem em referência a outros sentidos, retomando a propriedade significante de uma articulação em cadeia. Tanto para criar novos sentidos quanto para organizar os já existentes, a metáfora se coloca como um artifício fundamental para a psicanálise, reafirmando que a busca pela verdade do sujeito não é fixa ou antecipada, mas fruto de processos e operações inconscientes, e de como se estrutura a sua cadeia.

Lacan enfatiza o papel criador da metáfora: os sentidos não estão prontos, num reservatório, e a metáfora simplesmente os injeta. É pela via significante, por um equívoco, que a palavra gera uma nuance de sentido. A partir da relação entre dois significantes, pode surgir uma nova relação de um significante sobre um significado, engendrando significação (Lacan, 1957-1958/1999).

Sendo assim, a metáfora faz relação não só com o sentido, mas com a falta dele, já que é necessária uma ausência para a criação metafórica ocorrer. Segundo Lacan (1957-1958/1999), “o sentido a ser criado permanece em suspenso, em algum lugar entre o eu e o Outro. É a indicação de que existe algo que, pelo menos por ora, deixa a desejar” (p. 67).

Essa passagem, que retoma o título deste trabalho, foi um presente ao longo dos estudos, pois remonta ideias centrais para a construção desta escrita e explicita o processo pelo qual se dá a metáfora. Os significantes são representantes, adquirindo um caráter maleável e pleno de possibilidades, como se contemplassem diversos estados; em uma posição ou em outra, ou suspensos no entre, eles têm função e representam o sujeito.

Quando o sentido veiculado por um significante deixa a desejar – isto é, quando falha –, abrem-se novos caminhos para deixar o sujeito desejar, a partir de suas criações: inconscientemente, busca-se um nome, que não é encontrado. Ao se deparar com a falta, um novo nome – e, por consequência, um novo sentido – precisa ser inventado. Diante da falta, o sujeito se põe a criar um novo sentido e pode trazer à tona algo da verdade de seu desejo.

Lacan (1953/1998) propõe que “a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do sujeito, até que se consumem suas últimas miragens” (p. 253). Dissolvida a miragem da significação plena,

O sujeito é chamado a renascer para saber se quer aquilo que deseja... é esse o tipo de verdade que, com a invenção da análise, Freud trouxe à luz. Esse é um campo em que o sujeito, com sua pessoa, tem que pagar sobretudo pelo resgate de seu desejo. E é nisso que a psicanálise ordena uma revisão da ética. (Lacan, 1960/1998a, p. 689)

O desejo se articula em torno da falta. Sustentamos que o fracasso do sentido pode engendrar um movimento desejante, um resgate do desejo. Tal ideia está presente em diversos textos psicanalíticos, mas é em *Kant com Sade* que Lacan (1963/1998) afirma de maneira explícita que a psicanálise é uma prática que “reconhece no desejo a verdade do sujeito” (p. 796).

Neto (2013) propõe que, diante da falta, a metáfora, como uma figura de linguagem produtora de novos sentidos, pode contribuir para ressignificar o vazio. Ela nos coloca diante da dualidade, pois denuncia a existência do vazio na língua e, simultaneamente, se oferece

como ferramenta para que lidemos com ele. Falha e possibilidade coexistem, visto que a experiência com a linguagem envolve “um suposto aquém, e um além” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 50), ou, como diz García (1977), “a linguagem que introduz os modos da falta, também produz os nomes que a organizam” (p. 23).

A relação entre a falta, a metáfora e o desejo nos faz concluir que é graças à falta, isto é, à hiância que se coloca entre significado e significante, que a metáfora enquanto ato criativo pode surgir, fazendo emergir algo da verdade do desejo. Somos barrados em relação à compreensão absoluta, mas, por meio dessa hiância, podemos ultrapassar a significação e chegar a conteúdos até então desconhecidos para o sujeito.

A criação proporcionada pela metáfora não é aleatória – ela diz da verdade do sujeito e fabrica um sentido inovador articulado com o desejo inconsciente. Esse sentido vem de um significante recalcado, para dizer algo do conteúdo recalcado em si. Ou seja, tem ressonância direta com conteúdos inconscientes e particulares, e, também por isso, produz um efeito. Para Lacan (1957-1958/1999), na criação metafórica “a palavra carrega efeito, emociona, é rica em significações psicológicas, acerta em cheio no momento, e nos prende por um talento que beira a criação poética” (p. 48).

1.3. A Metáfora e o Efeito Poético

ali onde a metáfora cessa, a poesia também. (Lacan, 1955-1956/1985, p. 255)

A palavra escolhida por Freud para descrever o mecanismo de condensação é *Verdichtung*, que gramaticalmente partilha do mesmo radical que *Dichtung*, cujo significado é “criação literária” ou “atividade poética ou do imaginário”. O termo também remete a *Dichter*, que designa o “poeta” ou “criador literário”. Algumas traduções também sugerem o termo “poesia” para *Dichtung*. (Pontalis & Mango, 2012).

A questão da tradução gera embaraços. O artigo freudiano *Der dichter und das Phantasieren*, de 1908, já foi traduzido de diversas formas. Em português, popularizou-se

como “Escritores criativos e devaneios” e, na tradução mais recente, como “O poeta e o fantasiar”. Tais variações refletem as tentativas dos autores e tradutores de se aproximarem fidedignamente do que Freud buscava com suas escolhas.

Neste artigo, Freud (1908/2021) se propõe a comparar o poeta e o sonhador diurno, assim como a criação artística e o sonho diurno, concluindo que também na poesia, o tempo do sujeito – que não é o tempo cronológico – se enlaça com o desejo. Segundo o autor, isso se dá porque:

Uma forte vivência atual deve despertar no poeta a lembrança de uma vivência antiga, em geral uma vivência infantil, da qual então parte o desejo que será realizado na criação literária [*Dichtung*]; a própria criação literária permite que se reconheçam tanto elementos de acontecimentos recentes quanto também antigas lembranças. (Freud, 1908/2021, p. 62)

Mais adiante no texto, Freud comenta que o poeta também contribui para que desfrutemos de nossas fantasias sem tanta censura ou vergonha, o que remete ao funcionamento do chiste, pelo qual um conteúdo, até então censurado, pode emergir por meio do gracejo. Traçar paralelos entre a criação literária/poesia e os sonhos, chistes e metáforas permite ampliar os estudos acerca das vias pelas quais o inconsciente pode se manifestar e, conseqüentemente, dos modos pelos quais o sujeito pode advir enquanto singularidade.

Seja numa aproximação do poeta ou do escritor criativo, o verbo *dichten* nos ajuda a sintetizar que o radical *dicht-*, quando presente em alguma palavra, evoca as noções de inventar, imaginar, criar. Extrapolar a tradução literal de *Verdichtung* nos permite pensar que o processo de condensação se relaciona à inventividade do sujeito: são elementos que se condensam, em um processo que também envolve a criação. O mesmo ocorre na metáfora – um ato criativo da linguagem.

Em alemão, o prefixo “*ver*” não tem um significado próprio, já que não se manifesta isoladamente; está sempre acompanhando algum outro vocábulo – trata-se de um morfema preso, porém, polissêmico. Araújo Filho (2013) propõe que quando “*ver*” se junta a adjetivos ou substantivos, a gramática alemã sugere que o prefixo indica: (a) pessoa ou coisa que se modifica durante um tempo; ou (b) pessoa ou coisa que é convertida em algo, deslocada a um determinado estado. Tendo como referência o estudo do autor, uma interpretação possível é a de que o prefixo “*ver*” indica algum tipo de movimentação ou transformação. Assim, o mecanismo de condensação alude a um processo (*Ver*) criativo, poético ou literário (*Dichtung*). Recorremos a Lacan (1957/1998), que propõe que:

A *Verdichtung*, condensação, é a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora, e cujo nome, por condensar em si mesmo a *Dichtung*, indica a conaturalidade desse mecanismo com a poesia, a ponto de envolver a função propriamente tradicional desta. (p. 515)

A passagem acima, que relaciona a condensação, a metáfora e a poesia, nos atenta para o que apontam Pontalis & Mango (2012) quando propõem que uma das traduções para o verbo *dichten* seria “poetizar” ou “poematizar”, não só no sentido de criar versos, mas de uma atividade que cria com as palavras, e pode manifestar o ser através delas. Ou seja, nessa criação, o sujeito do inconsciente tem a possibilidade de aparecer.

Quando escreve *A metáfora do sujeito*, Lacan (1961/1998) nos atenta para o vocábulo *phore*, que o termo “metáfora” carrega na língua inglesa (*metaphor*). Segundo ele, trata-se de um elemento que indica a função da metáfora. O editor acrescenta uma nota explicativa, esclarecendo que a palavra deriva do grego *pherein*, que significa “transpor, carregar”.

Aproximar-se do léxico de uma língua estrangeira deixa sempre muitas lacunas, mas, numa tentativa de elaboração diante do exposto, propomos que existe um enlace entre os conceitos de condensação, metáfora e criação poética, produzindo o inesperado a partir das

brechas de sentido. São termos que remetem ao movimento e à criação, que descentram o sujeito de seus sentidos usuais para que se inaugurem novas articulações.

Além do que já foi exposto no subitem 1.2, chama a atenção uma das observações que Lacan (1957/1998) faz acerca da fórmula da metáfora em *A instância da letra no inconsciente*, quando diz que “é na substituição do significante pelo significante que se produz um efeito de significação que é de poesia ou criação” (p. 519). Há uma relação entre a metáfora, a poesia e a criação, apontando para o fato de que, em psicanálise, a poesia não se refere apenas ao belo, mas a uma posição subjetiva que cria e transforma.

Souza Jr. (2023) propõe que fazer poesia pode ser não deixar de lado o que se passa no real, não ignorar que existe algo na fala que ultrapassa o sujeito e rompe a linearidade da significação. É imperativo que a poesia tangencie a clínica a todo momento: “Atenta a todos os usos que o indivíduo pode fazer da palavra, é a psicanálise, e somente ela, que pode fornecer-nos esclarecimentos sobre ‘esse duplo estado da palavra’ que o poeta adota como ponto de partida” (Mannoni, 1992, p. 32).

Em nossa leitura, a palavra elucidada e evoca, tem essa dupla função informativa e literária que nos permite dar voz, segundo Mannoni (1992), a uma *ars poética* ao nos comunicarmos. Essa propriedade pode, inclusive, suavizar o embate com a censura e a vergonha, além de configurar um uso especial da palavra que remete ao que se passa na poesia.

No *Seminário 3*, Lacan (1955-1956/1985) afirma que o estilo poético começa na metáfora. Assim, é possível dizer que uma metáfora surgida em análise desperta a escolha criativa do sujeito, aproximando-o do efeito poético e do real enquanto infinitude do ser, já que, para a psicanálise, “onde está o ser, há exigência de infinitude” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 17).

Esse lugar de infinitude convoca o sujeito; estamos sempre sendo chamados a um encontro com o real. É um encontro que falha, porque o real escapole e está além de qualquer

rede de significantes (Lacan, 1964/2008). No entanto, Clarice Lispector nos ilumina com a citação da epígrafe da introdução para que nos apaziguemos com a ideia de que, tão importante quanto um encontro marcado com o real, é voltar de mãos vazias – porém apropriados do indizível e do fracasso dos sentidos.

Os *Dichters* oferecem um caminho para entrar em contato com a função evocante da linguagem, atestando que a experiência do ser falante ao se expressar pode ser mais rica do que a tentativa engessante de igualar a palavra à coisa. É possível, ao dizer, preservar o indizível, como propõe Mannoni (1992): “o discurso poético não nos dá a impressão de exprimir o que é secreto, mas de respeitá-lo como inexpresso, de lhe assinalar o lugar, mas contornando-o” (p. 46).

O saber-fazer que o simbólico pode operar sobre o real é da ordem do contorno. Paradoxalmente, as palavras trazem a propriedade polissêmica e a impossibilidade de dizer tudo: elas podem dizer muitas coisas e de muitos jeitos, mas fatalmente vão falhar. Cada sujeito, em sua fala, vai poder sempre dizer mais e/ou menos do que se pretende; porém, nunca exatamente e nem completamente.

O artifício do contorno presume uma convivência possível com o não saber, com o que não se arremata. Nossa inspiração nos poetas também decorre do fato de que parecem estar mais confortáveis na posição de servos, e não de senhores, da linguagem; manejam as palavras com arte e astúcia, habitando a impossibilidade de dizer tudo sem fazer disso um impedimento.

Rainer Maria Rilke (2022), ao aconselhar o jovem poeta Franz Xaver Kappus, diz: “aqui sinto que aquelas perguntas e aqueles sentimentos que têm vida própria em suas profundidades ninguém poderá lhe responder; pois até os melhores se enganam com as palavras quando precisam significar o mais silencioso e quase indizível” (p. 56).

Deixar-se enganar pelas palavras a partir de sentimentos que tem vida própria é um movimento intrigante, até para Freud (1908/2021), quando menciona em *O poeta e o fantasiar*

que “sempre foi muito atraente para nós, leigos, poder saber de onde o poeta [*Dichter*], esta extraordinária personalidade, extrai seus temas (...) e como ele consegue nos comover tanto, despertar-nos emoções que talvez julgássemos jamais ser capazes de sentir” (p.53).

A fala e a linguagem são campos profícuos a fenômenos poéticos, ou seja, o poético ultrapassa a poesia em si; é uma propriedade dos seres falantes e da linguagem. Souza Jr. (2023) recorre a diversos linguistas para sintetizar que a função poética diz da mensagem como foco principal, quando ultrapassa os limites do sentido, propiciando, por exemplo, que uma palavra possa significar ela mesma e uma outra. Segundo ele, essa definição aponta para um vínculo também com o inconsciente.

O efeito poético diz de uma relação com o limite, mais especificamente da transgressão do limite do sentido e da comunicação usual, podendo construir novas bordas. É um efeito que explora a língua, revirando-a, subvertendo a lógica da palavra enquanto ferramenta de informação (Souza Jr., 2023). O autor comenta que “quando a poesia é incapaz de desestruturar o aparato da estratificação, dá-se o sucesso – nesse caso, extremamente indesejado – da comunicação” (p. 106).

Quando em 1973, Chico Buarque e Gilberto Gil compõem a música “*Cálice*” (Buarque & Gil, 1978) e dizem no primeiro verso “pai, afasta de mim esse cálice”, realizam uma contravenção do sentido ordinário da frase para, poeticamente, passar uma mensagem importantíssima em relação aos silenciamentos, abusos, censuras e torturas na época da ditadura no Brasil. O trocadilho com o imperativo “cale-se”, graças a uma homofonia, é um exemplo de efeito poético, da subversão do sentido usual de uma palavra.

É o efeito poético que está em jogo quando um novo sentido pode surgir, mesmo que não seja a intenção do falante, o que alude ao que se passa na metáfora: uma substituição significante que resulta em um ganho de sentido. Quando abrimos mão de arrematar um saber

e nos abrimos a sustentar o equívoco da linguagem, nos aproximamos do sujeito do inconsciente.

Um dos atributos do inconsciente é justamente não ser capturável. O encontro com ele se dá de modo evanescente: algo é mostrado para logo depois sumir, como um susto, uma surpresa. Ele é descontínuo, um processo de achar, escapar, (re)achar e deixar escapar novamente (Lacan, 1964/2008).

Rilho et al. (2023) afirmam:

Não se trata em uma análise de perseguir o que essas formações do inconsciente querem dizer, o significado, mas propor o deslizamento da cadeia significante, meio pelo qual o sujeito do inconsciente pode simbolicamente semi-dizer da verdade. A função da letra no inconsciente, fazendo borda do simbólico com o real, implica a possibilidade de que algo do sujeito se escreva conservando o que permanece impossível de se escrever. (p. 74)

Em síntese, a ideia de perseguição de significantes ou arremate do inconsciente não poderia ir mais na contramão do que a psicanálise propõe. Muitas vezes, é na derrocada de um significante e das certezas do sujeito que a análise acontece, apostando mais no furo do saber do que na informação comunicada.

Lacan pontua que alguns psicanalistas pós-freudianos, ainda que bem fundamentados, encaminhavam os processos de análise para um fortalecimento do eu e, concomitantemente, para um desconhecimento do sujeito, o que se dava pela falta de compreensão das relações entre o sujeito e a intersubjetividade da fala (Lacan, 1953/1998). Isso vai contra a descoberta freudiana, que esclarece justamente que só é possível se aproximar do sujeito na medida em que ele se descentra de si.

Para buscar a significação correta e completa de uma palavra, precisaríamos recorrer à soma de seus empregos, como, por exemplo, a palavra *manga*, que pode designar a fruta ou

uma parte da camisa; acrescida de acento, torna-se *mangá*, significando as histórias em quadrinhos japonesas; acrescentando “cajá”, vira *cajá-manga*, uma outra fruta... e assim por diante, em todas as formas possíveis de emprego na linguagem. Não é o que fazemos em análise, pois partimos da premissa de que, muitas vezes, é nas brechas do sentido que o sujeito aparece, e não na fala que se fixa em significações.

Retomando a citação, a análise que faz bordejamento do real leva em conta que o mesmo pode ser encarado não só como o vazio que presentifica a angústia, mas como um espaço fecundo. Esse ponto, aonde as palavras não chegam, precisa ser considerado na *praxis* analítica, visto que revela tanto do sujeito enquanto ser e singularidade:

Esse buraco no real chama-se, segundo a maneira pela qual o encaramos, o ser ou o nada. Esse ser e esse nada são essencialmente ligados ao fenômeno da palavra (...) e à medida que sua palavra o simboliza, se realiza no seu ser. (Lacan, 1953-1954/2009, pp. 352-353)

É importante reiterar a ambiguidade do real, onde simultaneamente existem o nada e o ser, e é essa bússola que direciona o analista. Para Lacan (1964/2008), “nenhuma *praxis*, mais do que a análise, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real” (p. 55).

A psicanálise é uma *praxis* que se orienta para o indizível por meio do dizível, como afirma Lacan (1953/1998), quando diz que além da fala existe um vazio, a opacidade do real, e que é preciso dizer para encontrar o que não diz. Ou seja, é fazendo uso da palavra que poderemos chegar à não-palavra (Rosenfeld, 1998).

A relação entre a neurose e a palavra se faz presente desde o início da psicanálise, como já demonstrado no subitem 1.1. A experiência do sujeito passa pelas palavras, ele tem um corpo tocado por elas, e tenta a todo momento colocar seu ser em palavras. E quando as palavras

tocam o indizível do ser ou do nada, pode-se produzir algo poético, metafórico, como expressa Beckett (1989):

Eu sou em palavras, palavras dos outros, que outros, o lugar também, o ar também, as paredes, o solo, o teto, as palavras, todo o universo está aqui, comigo, eu sou o ar, as paredes, o emparedado, tudo cede, se abre, deriva, reflui, flocos, sou todos esses flocos, cruzando-se, unindo-se, separando-se, aonde quer que eu vá me reencontro, me abandono, vou em minha própria direção, venho de mim, nunca mais do que eu, que uma parcela de mim, retomada, perdida, falhada, palavras, eu sou todas essas palavras, todos esses estranhos, essa poeira de verbo, sem chão onde pousar, sem céu onde se dissipar, reencontrando-se para dizer, fugindo-se para dizer, que eu as sou todas, as que se unem, as que se separam, as que se ignoram, e não outra coisa. (p. 74)

Este fragmento traz sensações, incômodos. Ainda que saibamos da não linearidade da fala, supomos uma organização, e, quando isso não acontece, há uma quebra. Nessa quebra, que desestabiliza o conhecimento, o potencial da palavra pode ser levado mais adiante, já que, como menciona a citação anterior de Souza Jr., o sucesso da comunicação implica no fracasso da poesia.

Nos jogos criativos com as palavras, quando surgem fenômenos como metáforas, aliteraões, chistes, poesias, dentre outros, há uma subversão do simbólico para tocar o real, colocando em jogo o impossível de dizer. Rosenfeld (1998) afirma que “a experiência poética é irredutível à palavra e, no entanto, só a palavra a expressa” (p. 117). As palavras podem ser pontes para o inconsciente e o real, funcionando como envelopes ou revestimentos:

O real, é para além do sonho que temos que procurá-lo – no que o sonho revestiu, envelopou, nos escondeu, por trás da falta de representação, da qual lá só existe um lugar-tenente. Lá está o real que comanda, mais do que qualquer outra coisa, nossas atividades, e é a psicanálise que o designa para nós. (Lacan, 1964/2008, p. 65)

Se ampliarmos a relação que Lacan estabelece entre o real e o sonho, e a estendermos a outras manifestações inconscientes, podemos considerar que as metáforas, os atos falhos, os chistes e outras artimanhas com as palavras também podem dar notícias do real. Assim como o sonho reveste o real, mas é comandado por ele, a metáfora também pode funcionar como um envelope para esse lugar irrepresentável.

Ou seja, há uma relação entre a metáfora enquanto operação com o significante e o efeito poético. “A poesia opera como uma fístula privilegiada à administração desse real nos veios do simbólico” (Souza Jr., 2023, p. 109). O efeito poético se faz presente na metáfora, na medida em que ultrapassa os limites da significação e do simbólico, podendo lançar luz sobre outra forma de o sujeito aparecer, dando a ver algo de seu inconsciente, de seu desejo e da opacidade do real.

Aprofundar na questão do efeito poético e de sua convivência com o real é um passo importante para a teorização lacaniana. Falamos anteriormente, no subitem 1.2, da diferença entre dito e dizer, e entre enunciado e enunciação; mas gostaríamos de lembrar que ainda em 1953, Lacan antecipa essa diferença quando teoriza sobre a fala plena e a fala vazia em *Função e campo da fala e da linguagem*.

A fala vazia remete à significação, se assemelhando mais ao enunciado; já a fala plena inclui os sentidos e suas brechas, diz do sujeito do inconsciente em posição de dizer de si, de emergir numa enunciação. Souza Jr. (2023) nos lembra que a fala plena traz algo do desejo, mas não engloba o real, o que justifica o abandono dessa distinção por Lacan, que, conforme desenvolve sua teorização, se depara com o fato de que alguns efeitos não podem ser explicados pela fala plena; é preciso, então, dar conta do que não é simbolizável, do que não se coloca em palavras.

O estudo do efeito poético ajuda a avançar nessas questões, já que aponta para conceitos mais longevos da obra lacaniana, por exemplo, para o ato e para um discurso sem palavras. Lacan aprofunda na relação do sujeito com um vazio, que é sem palavras, mas que lhe é próprio.

Após esse desvio, retomamos a relação entre a criação e o efeito poético como pontes em direção ao real, a fim de pensar o processo de análise como um espaço fecundo, no qual a poesia singular de cada sujeito possa advir e que, diante das brechas de sentido, ele seja convidado a criar e a colocar algo de si.

Os poetas nos asseguram que dentro de cada sujeito existe um poeta escondido, que “o último poeta deverá morrer junto com o último homem” (Freud, 1908/2021, p. 54). Levar em conta essa premissa nos fortalece, enquanto analistas, para que nos impliquemos em uma formação que subverta a rigidez do código e da significação, sendo testemunhas das criações do sujeito e propiciando esse movimento.

Mannoni (1992) propõe que o que se passa em análise não é o analista na posição do poeta e o analisando como leitor curioso, ou vice-versa. O analisando é sempre leitor curioso de sua palavra que está ali, nua, prestes a denunciar o sabido, o não sabido e até o insabível. É podendo se ler no momento em que se escreve que o sujeito pode se reposicionar em sua fala e em sua história.

O que se faz em um processo de análise? Uma resposta imediata incorreria em matar uma pergunta que precisa se manter viva. Não se sabe exatamente *o que*, mas *algo* que fazemos em um processo de análise é criar: novos sentidos, novos enodamentos, novos lugares, novas perspectivas, novas construções.

O mundo em que entra o poeta, ao sair dos seus devaneios, é evidentemente o da palavra, ou o da linguagem, e é aí que se deverá chegar para se compreender do que se trata. Mas o poeta apresenta-se, em primeiro lugar, como um ‘artista’, que produz uma obra de arte. (Mannoni, 1992, p. 30).

A entrada em análise pode ser comparada a um sair do devaneio, na medida em que se rompe com uma espécie de cegueira que o sintoma proporciona, permitindo o acesso ao mundo da palavra, onde é possível um outro tipo de experiência com a linguagem, com o dizer de si e com o que não cabe em palavras. A partir disso, o que é criado por um sujeito em análise pode ser comparado a uma obra de arte, não porque se obtém um produto ao final, mas por se assemelhar ao ofício de um artesão – olha para o seu trabalho e se vê ali.

Por fim, esclarecemos que, quando uma metáfora acontece na sessão de análise, ela produz um efeito poético, instaurando um intervalo onde o sujeito é convocado a se colocar, transgredindo o código das significações para trazer à tona uma criação singular. Esse movimento também coaduna com a ética psicanalítica, centrada na verdade do desejo, na medida em que se orienta pela abertura ao sujeito do inconsciente, dando espaço para as brechas “entre o dito e o dizer, entre a enunciação e o ato de enunciar, entre o que o analisando disse e o que o analista escutou... entre o campo do ser/sujeito e o campo do sentido/Outro” (Imanishi, 2021, p. 17), para que o sujeito possa fazer desses espaços um movimento criativo e desejante.

Para concluir, recorreremos a uma citação de Didier-Weill (1997), que sintetiza poeticamente alguns tópicos deste subitem:

O que *o inaudito de uma metáfora poética* me leva a ouvir não é essa interrupção, esta sideração do que estava, até então, determinado em mim pela finitude do sentido? Sideração sobre a qual, como um dançarino que voa, *escapando ao determinismo da lei da gravidade, eu me apoio para alçar voo, para ser transportado para uma região onde não reina mais o determinismo do sentido*, um lugar de assemantismo indeterminado onde, durante o tempo do clarão, tudo se torna de novo possível, porque, *neste ponto onde reencontro minha indeterminação, vejo-me chamado a fazer a escolha de um significante* [ênfases adicionadas] que me arrancará deste indeterminado infinito, representando-me de modo finito diante dele. (p. 301)

Capítulo 2: Um Analista Perspicaz

2.1. O Inconsciente Visto de Lado

I'm a tidal wave of question marks

And you're just surfing

Leaning into me like it's an art.

–Olívia Dean, *Dive*

A epígrafe traz a música *Dive*, de Olivia Dean (2023), na qual o eu-lírico se descreve como um tsunami de pontos de interrogação, onde, no entanto, é possível surfar – fazendo dessa intensidade uma arte. Todo tradutor é um traidor – mas, enviesada pelo aforismo lacaniano de que a resposta mata a pergunta, proponho que um dos sentidos seja poder surfar em questionamentos, navegar por pontos de interrogação e não fazer disso um erro ou um desastre, mas uma arte. Nem tudo da experiência humana precisa estar respondido.

Quando um paciente busca a análise, chega querendo respostas, supõe no analista um saber – o que é imprescindível para que a transferência se estabeleça. No entanto, é crucial que o analista sustente o vazio da interrogação, não só para não ceder à demanda do paciente, mas porque o sujeito se constitui no tsunami de questionamentos, e não na resposta.

“O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha pergunta” (Lacan, 1953/1998, p. 301). Desse modo, sair de uma posição objetificada implica em se questionar. Embora o sujeito esteja a todo tempo demandando respostas ao analista, também se depara com o vazio implicado no fato de que, ainda que uma resposta venha, não obtura a falta.

Pensar a palavra e sua relação com o inconsciente no contexto de análise pressupõe ir além da significação, das respostas concretas; envolve uma disposição do analista em escutar e estudar não só o discurso, mas seus furos, para que possa contemplar aquilo que falta: os

silêncios, as hiências, metáforas e brechas de sentido, graças às quais o sujeito pode dar notícias de seu desejo.

Metaforicamente, podemos dizer que um intervalo é fixado no lugar em que se produziu a diferença e o jogo do desejo vai poder se desenrolar em torno do cerco desse vazio, dentro da regra de seus engodos. É antes de tudo a ilusão retrospectiva de um primeiro objeto perdido em cuja falta se originaria o movimento do desejo. (Leclaire, 1968/1986, p. 61)

Quando o sentido falta, se origina um movimento, que pode ser desejanter. A partir da diferença, da não equivalência entre palavra e coisa, o desejo tem a chance de circundar o intervalo que se instaura. Ainda recorrendo a Leclaire (1968/1986), reiteramos a importância das brechas de sentido, pois é nelas que “o dizer do paciente tropeça e bascula no interior do discurso aberto ao vazio” (p. 147).

Lacan (1953/1998) traz o analista enquanto agente que libera a fala do paciente, introduzindo-o na linguagem de seu desejo e abrindo espaço para a fala que vai além, podendo se aproximar da instância do real. O autor realça a função da análise como possibilidade do sujeito ser introduzido na linguagem de seu desejo, essa linguagem primeira, na qual ele sempre diz para além do que diz de si, podendo assim adentrar nos símbolos do próprio sintoma para se desembaraçar dele.

Em 1908, ao falar da fantasia, Freud já propõe que “passado, presente e futuro se alinham como um cordão percorrido pelo desejo” (p. 58). Não à toa, Lacan (1964/2008) retoma que o inconsciente é a porta de entrada para o desejo. Em síntese, o inconsciente, e por consequência o desejo, encontram maneiras de se expressar através das palavras, quando falam e quando faltam.

Se o inconsciente de um sujeito é efeito das marcas deixadas pelas palavras do Outro, a transferência acontece na rearticulação dessas palavras, ela é “a atualização da realidade do

inconsciente” (Lacan, 1964/2008, p. 147) e o que, junto com o desejo, “comanda o modo mesmo de nossa abordagem (p. 151). É preciso que o sujeito encontre as próprias maneiras de expressar seu desejo em palavras; o que se espera de uma análise é que o desejo, mesmo desprovido de sentido, possa ser construído, ganhando alguma representação (Leclaire, 1968/1986).

A relação entre analista e analisando não é dual, e não podemos pensar a transferência enquanto imaginária: ela é simbólica, mediada pela palavra dita na análise. A palavra – junto com seus equívocos e falhas – é um pilar da transferência, o terceiro termo que torna a análise possível.

Segundo Freud (1905/2017), “as palavras são um material plástico com que se pode fazer de tudo” (p. 52), e essa plasticidade precisa ser respeitada pelo analista, em sua escuta e em suas intervenções, já que “a interpretação deve incidir essencialmente sobre o manejo do significante” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 457).

Ao se aprofundar na técnica do chiste, Freud (1905/2017) fala de um cuidado para não manifestar sentimentos contrários à tendência do chiste, atestando que uma mínima inclinação à espirosidade seria uma condição indispensável ao analista. Podemos pensar que a resistência por parte do analista à fala despreziosa pode empobrecer o processo de análise e inibir o sujeito, além de desrespeitar o preceito fundamental da técnica psicanalítica: a associação livre.

Sabemos que uma fala atenta às significações, culta, ou intelectualizada não é garantia de surgimento de uma questão de análise e do aparecimento da verdade do desejo. A verdade para a psicanálise não está dada; ela é buscada num ponto de não-saber do sujeito, sempre particular – inédita e, ao mesmo tempo, reencontrada.

Blanchot (2011) aponta que os artificios da língua, as artes e a literatura contribuem para a verdade criada/criativa, “não para expressar o que sabemos, mas para sentir o que não

sabemos” (p. 87). Isso nos remete à proposição lacaniana de que, em psicanálise, a verdade tem estrutura de ficção. Convém enfatizar que a verdade não é a realidade; a verdade que tratamos em análise é uma reconstrução que o sujeito faz, na linguagem, a partir de seus fragmentos.

Eva Lerner (2024) propõe que:

Somos nós, analistas, os encarregados de dar forma de ficção verossímil a essas pontas de objeto sem representação discursiva, resistentes a entrar no discurso (...) caso não se reconstrua um sentido ficcional da história, as pontas fragmentárias do objeto não poderão se enlaçar. (p. 191)

Ou seja, não se trata de uma rememoração fidedigna dos fatos, ou de uma significação sem furos, mas de poder reconstruir algo que enlace as pontas soltas, os fragmentos; para que a existência possa ganhar novos contornos e sentidos. Um analista não trabalha com os fatos, ele se interessa pelos restos.

Também por isso, buscamos inspiração nos poetas, como Manoel de Barros (2008) com o poema *O apanhador de desperdícios*:

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas

Dou respeito às coisas desimportantes

e aos seres desimportantes

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade
 das tartarugas mais que a dos mísseis
 Tenho em mim um atraso de nascença.
 Eu fui aparelhado
 para gostar de passarinhos.
 Tenho abundância de ser feliz por isso.
 Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas
 Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
 Só uso a palavra para compor meus silêncios. (p. 21)

“Compor a partir de silêncios” é uma das formas mais bonitas de dizer do que se passa em análise. Poder habitar os questionamentos e silêncios até que saia uma nova composição a partir disso é o que precisa ser sustentado por um analista. “Ser da invencionática” é o que nos resta diante da falta. Do contrário, seria a morte (Safouan, 1921/1993).

“Respeitar o desimportante” nos remete aos detalhes da vida acontecendo, ou ainda à passagem em que Freud (1893-1895/2016) comenta da travessia da análise até que se possa sentir uma infelicidade banal. Gostar dos passarinhos, observar tartarugas, estar num quintal, e ser feliz *por* isso, e *com* isso.

Assim como Manoel de Barros, o analista precisa ir além das “palavras fatigadas de informar”, e passar a amar os restos, compor a partir de silêncios. Sabemos que é preciso

percorrer o sentido para furá-lo, mas que estejamos dispostos a usar nossas palavras não só para informar, mas para evocar, trazer o sujeito e suas composições/ficções à tona.

Lacan (1953/1998) afirma que “a fala, mesmo no auge de sua usura, preserva seu valor de tésseira” (p. 253). Não importa o quanto a linguagem seja conhecida, corriqueira ou até gasta, ela preserva a garantia de novas conexões, como uma tésseira significante em busca de (re)encontrar sua outra parte.

Um fato curioso que se passa nas sessões de análise é que uma mesma pontuação do analista pode passar despercebida muitas vezes, e então, um dia, ser escutada pelo analisando. Por que a mesma palavra que passara sem grandes efeitos pode vir a ser subitamente marcante para o sujeito?

Quando Lacan postula a fala com valor de tésseira, aponta também para o que se passa na cadeia significante. As palavras dependem das articulações com outras palavras, assim como uma tésseira só ganha sentido quando encaixada em outra.

Como a palavra não equivale à coisa, seu efeito depende de quem a transforma em um dizer, isto é, do sujeito. Ademais, lembramos que uma das seções do *Seminário I* é nomeada como “a palavra na transferência”, sugerindo que há uma diferença entre a palavra no cotidiano e a palavra em análise, pois nesta ela surge em meio a uma relação transferencial.

As mesmas palavras se repetem diversas vezes em análise, com muitas articulações e conexões possíveis. Além da importância da repetição (*Wiederholung*) enquanto conceito para a psicanálise, Freud (1900/2019) comenta em *A interpretação dos sonhos* que pedia a seus pacientes que relatassem várias vezes o mesmo sonho, e, nessa repetição, ele identificaria os elementos distintos em cada relato – ali estaria a chave da resistência, onde a censura se dedicara a tentar camuflar algum conteúdo.

Muitas vezes, é na repetição de um significante, na recorrência em que ele aparece, que podemos ter pistas do sujeito do inconsciente. Em diferentes tempos ou contextos, a mesma

palavra pode adquirir diferentes sentidos. O uso criativo da palavra não diz respeito a buscar sempre palavras novas, mas em dizer algo de maneira inédita com uma palavra usual, fazer da palavra comum uma palavra própria.

Poder suspender as certezas da significação nos leva, enquanto analistas e analisandos, a experiências inéditas, descobertas da língua que permitem ir além: assonâncias, aliteraões, rimas, atos falhos... Não à toa se faz tão presente a associação entre psicanálise e poesia, já que a linguagem poética tem afinidade com o inconsciente (Souza Jr., 2023).

Lacan (1957/1998) diz: “basta escutar a poesia, o que sem dúvida aconteceu com F. de Saussure, para que nela se faça ouvir uma polifonia e para que todo discurso revele alinhar-se nas diversas pautas de uma partitura” (p. 506). Posteriormente, Bataille (1988) propõe: “imagine um analista que trabalhasse com os ritmos, as aliteraões, as censuras e as cláusulas? Isso deve existir. E deveria poder ser transmitido. Quando será que a prosódia fará parte da formação dos analistas?” (p. 39).

São frequentes e profícuas as articulaões entre a psicanálise e a poesia, principalmente no que tange ao efeito de ultrapassar a significação e explorar outros artificios das palavras, como, por exemplo, os sons. Existe um saber em transgredir a fixidez do sentido, jogando com as palavras. Lacan (1954-1955/2010) chega a dizer que “os poetas, que não sabem o que dizem, como é bem sabido, sempre dizem, no entanto, as coisas antes dos outros” (p. 17).

Nessa direção, Freud compara o poeta a uma criança que brinca, sugerindo que a criação poética implica em uma brincadeira com as palavras, tendo a potência de comover o sujeito com uma arte que não pode sequer ser ensinada. Para ele, “a verdadeira fruição da obra poética surge da libertação das tensões de nossa psique” (Freud, 1908/2021, p. 64), ou seja, parte do efeito poético reside num rebaixamento de defesas para que algo novo possa vir à tona.

Nos sonhos, chistes e metáforas, o fenômeno inconsciente se realiza a partir de uma hiância, quando algo quer se realizar e causa surpresa, um encontro com o vazio do não-saber.

Lacan (1964/2008) assevera que há um saber no não saber, naquilo que manca, e nos chama a atenção para a maneira pela qual o inconsciente aparece: pelo tropeço – sempre produzindo um efeito.

Quando uma metáfora surge e é pontuada pelo analista, há um estranhamento causado pela desarticulação do sentido habitual, e esse momento acaba se sobressaindo de alguma forma – é como se com o sujeito tornasse, com esse fenômeno, seu discurso ainda mais próprio, dando substância a esse dizer na medida em que coloca algo de si. O momento que sobressai em análise faz uma nova marca, se inscreve e reescreve; e, assim como o relato de um sonho ou um chiste, a mesma metáfora pode retornar muitas vezes no “só depois”.

Como mencionado anteriormente, nenhuma metáfora teria ressonância analítica se não houvesse um Outro, e isso Lacan localiza em Freud, quando afirma que: “ninguém pode se contentar em fazer um chiste apenas para si mesmo. O impulso de comunicar o chiste está inseparavelmente ligado ao trabalho do chiste” (Freud, 1905/2017, p. 204). Ou seja, para que um chiste adquira valor de chiste, o Outro precisa comparecer: ele é “o lugar, o receptor, o eixo da tirada espirituosa” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 86).

Fazendo um paralelo com o chiste, podemos dizer que a metáfora também precisa de um Outro, já que “o processo do chiste não parece encerrado quando ele ocorre a alguém; resta algo, que completará o desconhecido processo de formação do chiste com sua comunicação a alguém” (Freud, 1905/2017, p. 204). Quando se dá em um processo de análise, é imprescindível que o chiste ou a metáfora encontrem uma escuta aberta à singularidade do discurso, menos devota ao saber e mais disponível para o inesperado.

No *Seminário 5*, Lacan (1957-1958,1999) comenta que o que faz da fala uma mensagem é o que a difere do código pré-estabelecido, e essa diferença é sancionada pelo Outro. Quando o Outro autentica a diferença e o reconhece enquanto chiste, por exemplo, há uma inscrição da mensagem no código, o que só se dá através desse Outro.

Neste mesmo seminário, o autor pontua também a importância da escuta, já que, sem ela, o chiste não se completa – e, por extensão, tampouco a metáfora. Ele diz: “você não conheceriam esse chiste se, nessa ocasião, eu não tivesse sido o Outro com maiúscula, isto é, o ouvinte, e não apenas o ouvinte atento, mas o ouvinte que escuta, no verdadeiro sentido da palavra” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 39).

O papel do analista vai além de ser um ouvinte atento. Ele precisa escutar a verdade do desejo, ser uma testemunha do inconsciente do sujeito, sobretudo por estarmos advertidos de que “o desejo é um remédio para a angústia” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 451).

Quando dá espaço à flexibilidade da língua e pontua um lapso, o analista pode transformar o fenômeno em uma marca que ressoe também no real. Um processo de análise aberto às brechas da linguagem nos aproxima do inconsciente; e, ainda que seja evanescente, é possível indiretamente dele se aproximar, como afirma Lacan: “onticamente então, o inconsciente é o evasivo – mas conseguimos cercá-lo numa estrutura, uma estrutura temporal” (Lacan, 1964/2008, p. 39).

Fazendo um paralelo entre o inconsciente e um poema, ambos evasivos, acata-se a sugestão de Mário Quintana (2007) quando escreve *O apanhador de poemas*:

um poema sempre me pareceu algo assim como um pássaro... E que, para apanhá-lo vivo, era preciso um cuidado infinito. Um poema não se pega a tiro. Nem a laço. Nem a grito. Não, o grito é o que mais o espanta. Um poema, é preciso esperá-lo com paciência e silenciosamente como um gato. É preciso que lhe armemos ciladas (...) e há os poemas livres, imprevisíveis. Para esses é preciso inventar, na hora, armadilhas imprevistas. (p. 234)

Um analista que sufoca as brechas com a pressa de compreender é como alguém tentando pegar um poema no tiro, no grito ou no laço; ignora assim completamente as propriedades de um poema: ele não foi feito para ser compreendido nem capturado. O discurso

do paciente é como um pássaro, e, quando tentamos capturá-lo, cortamos suas asas e, assim, a possibilidade de escutarmos para onde ele gostaria de voar. A palavra precisa de liberdade, para falar e falhar, é isso que mantém a língua viva.

Quando Mário Quintana fala de “inventar na hora”, podemos remeter ao papel do analista, que cria armadilhas no aqui e agora para que o inconsciente possa aparecer. Armamos ciladas, propiciando ao inconsciente do sujeito que siga seu *modus operandi*: tropece. É esse tropeço, na armadilha imprevista, que vai operar um deslizamento no sujeito, ao se deparar com o inconsciente, a porta de entrada para a verdade de seu desejo.

Se o inconsciente e o desejo são imprevisíveis, as armadilhas também precisam ser. Armar uma cilada passa justamente pelo que não está dado; a função é surpreender. Daí a afinidade com outro modo de aparição do inconsciente: o susto. Logicamente, uma análise não se faz só de armadilhas; como já mencionado, percorremos os sentidos até que encontremos suas quedas, escutamos as significações até que possamos ultrapassá-las.

A questão é não se prender ao discurso informativo, podendo estar atento não só ao conteúdo da fala, mas à sua forma, ao que salta na escuta. Um bom analista, em detrimento da pressa de compreender, tem a paciência e o cuidado infinitos de “esperar silenciosamente como um gato” para que irrompa o inconsciente vivo. Trata-se de:

deixar que se complete cada impressão, cada semente de sentimento totalmente dentro de si, no escuro, no indizível, no inconsciente, no inalcançável pela própria consciência, e aguardar com muita humildade e paciência a hora do nascimento de uma nova clareza: apenas isso é o que significa viver artisticamente, tanto na compreensão quanto na criação. (Rilke, 2022, p. 41)

A citação acima foi retirada da carta de Rilke a Kappus, em 1903. Um poeta experiente aconselha o mais jovem, e, na presente carta, falam do que pode ser uma abordagem artística da vida e do tempo, à espera de algo surpreendente, que, no entanto, não vem à força: “apenas

chegará até os que tem paciência, que ali estão como se a eternidade estivesse diante deles, tão despreocupadamente silenciosa e ampla” (Rilke, 2022, p. 41).

É curioso que, em 1916, Freud cita um passeio com Rilke em seu artigo *Transitoriedade*. Ele diz que o poeta se perturbara pela ideia de efemeridade da vida, e Freud se posiciona contrariamente a isso, alegando que a transitoriedade poderia elevar a preciosidade dos fenômenos, e que é possível ver beleza no mundo, mesmo com sua irremediável fugacidade (Freud, 1916/2021). Assim também é o encontro com o inconsciente: transitório e efêmero, e isso não diminui seu valor e nem a relevância das marcas deixadas.

Uma vivência artística poderia fazer parte da experiência analítica? A arte e a criação não são privilégios exclusivos dos poetas, e podem permear outros campos. Pontalis e Mango (2012) falam de Freud enquanto um pesquisador-poeta-escritor, que poetiza, teoriza, e, ao escrever sobre o psiquismo, o analisa e interpreta como um pesquisador. Em diferentes momentos da teoria e técnica psicanalíticas, Freud acrescenta seu estilo, seja como teórico, pesquisador das ciências naturais, romancista... e a singularidade e importância de sua obra podem ser atribuídas também à tensão entre estes polos.

“Se o pensamento freudiano subsiste como obra, é pela força de suas descobertas intelectuais e por habitar poeticamente a língua (...) o pensamento encontra a *poiesis* das palavras, num abandono mútuo, numa fecundidade amorosa” (Pontalis & Mango, 2012, p. 23). Considerar Freud enquanto escritor passa não só por uma estrutura textual de romance que permeia alguns de seus artigos, mas pelo manejo dos recursos da língua, pela façanha de conciliar a escrita científica com o potencial criativo das palavras.

Levou-se um tempo até que a perspicácia de Freud com as palavras fosse reconhecida, possivelmente por questões de tradução,

que não permitiam discernir a figura de um escritor soberano em sua língua, que sabia jogar com sua riqueza, sua polissemia e suas ambiguidades, recorrendo a todo tipo de

metáforas para não se deixar confinar em um aparato conceitual; em outras palavras, descobrindo na língua muito mais que uma ferramenta: um tesouro. (Pontalis & Mango, 2012, p. 213)

Para Lacan, (1955-1956/1985), o sentido da descoberta analítica não é encontrar significações, confinando-se em aparatos conceituais, mas caminhar o mais longe que puder disso, em direção ao significante, que vai proporcionar uma leitura diferente. O significante tem primazia, na linguagem e na clínica.

O sujeito é difícil de captar, ele funciona mais além, mas fornece pistas desse funcionamento quando encontra alguma brecha. Suas manifestações têm um estilo próprio, que se assemelha mais a um poema ou a um resto do que a um resumo de acontecimentos. Não por acaso, os poemas trazidos neste subitem foram *O apanhador de desperdícios* e *O apanhador de poemas*.

Manoel de Barros e Mário Quintana nos iluminam enquanto analistas na medida em que não há como pensar uma clínica que não se depare com a poesia e com o desperdício, que ressoam tão bem com o conceito do inconsciente. O efeito poético, a transgressão da significação para poder compor a partir dos silêncios e dos restos são catalisadores de um processo de análise.

No dicionário, a palavra “apanhador” traz como significado, dentre outros, “aquele que recolhe, colhe ou apanha com as mãos” e “cesta utilizada na apanha de café ou de outros produtos de agricultura” (Michaelis, n. d.). Pensamos ser relevante tratar o apanhar de poemas e desperdícios como um processo manual, de colheita cuidadosa; ou como uma cesta que os envolve, dando uma forma ao que foi apanhado.

A intervenção do analista não é da ordem do que será aceito ou rejeitado pelo analisando, mas do que pode fazer com que ele se reconheça como sujeito, contornando o traumático e habitando a linguagem de seu desejo. Para isso, as perguntas são mais importantes

do que as respostas, e a análise mostra que é possível sustentar o não-saber enquanto busca sua verdade. Essa verdade é o que se desvela por meio da interpretação – do sintoma, do sonho, do chiste, da metáfora... e, para ter efeito, geralmente precisa pegar o sujeito de surpresa.

Para exemplificar o que se passa em análise e o que implica o lugar do analista, usaremos uma metáfora apresentada por Ítalo Calvino (1990), quando participou de uma conferência em Harvard em 1985 e propôs suas *Seis propostas para o próximo milênio*. O autor listou valores literários que mereciam ser preservados no milênio seguinte, não só para a literatura, mas para a ciência e o pensamento no sentido mais amplo. Ao falar da Leveza, na primeira lição, traz ricas observações acerca do mito de Medusa e Perseu.

Perseu, filho de Zeus, recebeu a missão de matar Medusa, uma das três Górgonas. Ela possuía serpentes no lugar dos cabelos e seu olhar transformava imediatamente qualquer pessoa que a encarasse em pedra. Para tal missão, Perseu recebe armas, entre elas um escudo polido como um espelho, e é com essa ferramenta que ele pode enxergar o reflexo de Medusa e, sem encará-la diretamente, aproxima-se e decapita.

Calvino (1990) afirma que “é sempre na recusa da visão direta que reside a força de Perseu” (p. 17), o que não significa uma recusa da realidade em si, mas um alerta para a necessidade de fugir do óbvio, de ir além do que está posto *a priori*. Ele relata que, no contexto de Perseu, era “como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa” (p. 16), e, trazendo para o nosso tempo, é como se hoje também não pudéssemos escapar da dureza das significações fixadas – os diagnósticos, as verdades ditas universais, os atuais imperativos de gozo, o discurso médico etc.

Propõe-se um paralelo entre a figura do analista e Perseu, que pôde romper com a visão direta e promover um deslizamento na cena. É sabido que nem sempre o melhor caminho é bater de frente, “no grito, no tiro, no laço”, apelando para interpretações selvagens ou inundando o paciente de sentidos e informações.

Uma das contribuições mais importantes de Lacan é retomar o cuidado com as raízes da linguagem enquanto inseparáveis da técnica psicanalítica. O autor indica que a função da linguagem é a de evocar, e não informar: “não há dúvida, portanto, de que o analista pode jogar com o poder do símbolo, evocando-o deliberadamente nas ressonâncias semânticas de suas colocações” (Lacan, 1953/1998, p. 295).

A função significante das palavras não está em descrever ou designar, mas em permitir ir além da palavra. Toda palavra comporta um mais-além, e pensá-la em psicanálise é também pensar em seus efeitos, reflexos, ecos e repercussões, jogando com as possibilidades que elas nos dão. Lacan enfatiza a aposta na subversão da linguagem como uma forma de convocar o sujeito desejante.

A psicanálise corrobora com as proposições de Calvino (1990), no sentido de que não podemos nos deixar petrificar. Precisamos, enquanto sujeitos (analistas ou não) subverter o endurecimento esvaziante que sufoca e normatiza. É frutífero mudar o ponto de observação, ir além e ter um olhar aberto a outras lógicas, outras ópticas que possam convidar a singularidade do sujeito a se colocar.

Segundo Freud (1900/2019), “os melhores poemas são aqueles em que não percebemos a intenção de encontrar a rima” (p. 383). Pensando o fazer clínico e compreendendo que os direcionamentos levantados podem apontar para uma abstração, sustentamos que nessa maleabilidade há rigor teórico – um rigor que preza por seu objeto, o inconsciente, que não pode ser inteiramente compreendido ou racionalizado a partir da lógica consciente.

O modo de abordar o inconsciente exige criatividade e perspicácia. Não se trata de um deciframento. Podemos tentar capturá-lo, sabendo que iremos fracassar, pois ele não se entrega de bandeja: “vocês olham para ele e é isso que lhes permite ver o que não está ali” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 25). E Calvino (1990) nos lembra que foi justamente “vendo o que não estava ali”, um reflexo, que Perseu pôde se aproximar da Medusa.

O paralelo traçado entre Perseu e a figura do analista, assim como o poema de Mário Quintana, encontram ressonância em alguns momentos da teoria lacaniana: no *Seminário 2*, por exemplo, que é norteado pela pergunta “quem é o sujeito?”, Lacan (1954-1955/ 2010) pontua que tanto essa questão quanto o sujeito em si não podem ser atacados de frente, pois isso seria atacar as próprias raízes da linguagem. Posteriormente, no *Seminário 5*, o autor afirma que “o inconsciente, justamente, só se esclarece e só se entrega quando o olhamos meio de lado” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 25).

Não há uma maneira direta de confrontar o inconsciente, sendo preciso optar por vias criativas, indiretas, que surpreendam e operem em outras perspectivas. Imanishi (2021) corrobora Lacan ao enfatizar tais características na metáfora – “ela inventa um novo sentido, uma nova referência, uma nova verdade” (p. 16) – e propõe que muitas vezes uma interpretação literal pode destruir o que está sendo enunciado pelo sujeito.

A ênfase nas vias indiretas de acesso ao inconsciente e na necessidade de ultrapassar a literalidade da significação se fundamenta no quanto a missão de Perseu é difícil de ser realizada. Lacan (1953-1954/2009) comenta que, enquanto analistas, incorremos no risco de comparecer com o nosso ego, e que essa é uma das principais dificuldades da análise. Além disso, abster-se da ânsia de compreender ou da posição de detetive investigador exige um trabalho – de estudo, análise e supervisão.

Em relação a isso, Souza Jr. (2023) traz um contraponto interessante, quando propõe que a questão do sentido tem valor de aporia, ou seja, uma dificuldade insolúvel, um impasse que perdura. Segundo Benveniste (1962, *como citado em Souza Jr., 2023*), “muito já se fez para evitar, ignorar ou expulsar o sentido, e ele, apesar de tudo, feito uma cabeça de Medusa, permanece sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam” (p. 141).

Existe certo magnetismo sobre o sentido, no modo como o perseguimos e supomos um encontro com ele. Porém, enquanto analistas, precisamos suportar a queda do sentido, a brecha

que se instaura e pode gerar algum movimento. O que nos mantém atraídos pelo sentido é justamente o seu fracasso, o quanto desliza e engendra o movimento desejanste. Talvez o fascínio não esteja no sentido, mas nos caminhos que criamos para encontrá-lo.

Daí a importância de o espaço analista-analisando ter abertura para metáforas, dentre outras artimanhas com a língua, já que auxiliam na suspensão e na criação de sentidos. As metáforas são artificios que demonstram que a palavra não equivale à coisa. Ricoeur (1975/2000) aborda isso quando fala da polissemia:

é a polissemia, fato descritivo por excelência, que torna possível as mudanças de sentido e, na polissemia, o fenômeno da cumulação de sentido. A polissemia atesta o caráter aberto da textura da palavra: uma palavra é isto que tem vários sentidos e que ainda pode adquirir novos. Portanto, é um traço descritivo da significação que introduz a teoria das mudanças de sentido, a saber, que para um nome pode haver mais de um sentido e, para um sentido, mais de um nome. (p. 182)

Não levar em conta a polissemia das palavras, o fato de que elas comportam um mais-além, é enrijecer e limitar a experiência do falante, além de ser um profundo desencontro com a teoria psicanalítica. Em 1900, Freud comenta em *A interpretação dos sonhos* que a fala onírica nunca é fixa em sentido. O paciente pode relatar o mesmo sonho diversas vezes e ainda encontrar novos sentidos: “as palavras permanecem iguais, o sentido pode ser outro ou vários outros” (Freud, 1900/2019, p. 346).

Elena Mora (2021) propõe uma concepção mais ampla da metáfora, entendendo-a não só como uma figura de linguagem, mas como uma atitude, o que contribui para que possamos dizer de nós sem o compromisso de acertar precisamente um alvo, mas de nos aproximarmos dele – e cabe a quem escuta acompanhar esse ritmo. Analista e analisando podem se aproximar do indizível como quem se aproxima de uma obra de arte, uma escultura, um poema... Assim

como quem não sabe, mas se propõe a descobrir, ciente de que não terá acesso total à experiência, tampouco aos motivos da inspiração.

Poder contar com a relação entre arte e psicanálise nos permite traçar paralelos que opulentam não só a teoria, mas a prática analítica. Não se trata de igualar o psicanalista ao artista, já que isso seria uma redução cruel a ambos, mas considera-se que, dentre os diálogos possíveis entre as duas instâncias, “a arte contribui para a psicanálise com o saber-fazer com o vazio que nunca é preenchido” (Rilho et al., 2023, p. 121).

Faz parte da experiência humana, enquanto inserida na linguagem, o convívio com o impossível da língua; no entanto, esbarrar com essa condição precisa ser sempre da ordem do traumático?

as coisas não são todas tão palpáveis e dizíveis como normalmente querem nos fazer crer; a maioria dos acontecimentos é indizível, acontece em um espaço que nunca foi visitado por uma palavra, e mais indizíveis que tudo são as obras de arte, essas existências misteriosas cuja vida é perene, ao lado da nossa, que é perecível. (Rilke, 2022, p. 5)

O perene da arte, caminhando junto com o perecível da vida, contribui para o contato com o indizível, mostrando que é possível circular pelo vazio. O encontro com o inconsciente, visto de lado, pode gerar uma brecha de potencialidades e criação, e não só o susto com o real da angústia e da morte.

A análise vai na contramão do discurso dominante, sintomático de nosso tempo, que prega a ideia de que o sujeito pode tudo, favorecendo um trilhamento no qual se possa topar perder, na certeza de que isso não fará o sujeito perder-se de si. Guatimosim (2012) propõe o processo analítico como “uma queda onde se queda (cai e fica)” (p. 88), fazendo um trocadilho com o verbo *quedarse* em espanhol, que pode ser traduzido como “permanecer” ou “ficar”.

Concebemos, assim, a análise enquanto um espaço onde o sujeito pode abrir mão de fugir exaustivamente do vazio ou das tentativas desesperadas de tamponá-lo, para que possa criar suas ferramentas a fim de dar-lhe um contorno possível – e que encontre um analista com a perspicácia necessária para acompanhá-lo nessa missão.

2.2. A Palavra Metafórica e o Efeito de Significação

No decorrer de um discurso intencional em que o sujeito se apresenta como querendo dizer alguma coisa, produz-se algo que ultrapassa seu querer, que se manifesta como um **acidente**, um paradoxo ou até um escândalo. (Lacan, 1957-1958/1999, p. 54)

Proponho começar este capítulo com uma vinheta clínica, um exemplo que ilustra a metáfora como um fenômeno que permeia a *praxis* analítica. Uma jovem de vinte anos procura análise por questões ligadas à ansiedade. Seu modo de funcionamento revela uma rigidez marcante, acompanhada de uma racionalidade exacerbada, a ponto de tornar as sessões quase mecânicas. Como pano de fundo, dentre outras marcas, relata que seu pai não é presente e sua mãe porta uma limitação física grave, causada por um acidente.

A paciente menciona com frequência a condição da mãe como uma questão: fala de como se sente em relação aos cuidados, de um senso de obrigação e quase devoção à mãe, assim como de uma grande dificuldade em frustrá-la – o que, quando acontece, a deixa tomada pela culpa. Ainda que a culpa esteja presente na maioria dos relatos dos obsessivos, a intensidade com que surgia em seu discurso ainda chamava a atenção. Em um dos atendimentos, ao falar da sua condição de ser a filha mais nova e não planejada, comentou: “eu sou a caçula, fui um acidente”. Pontuei: “um acidente?”

Numa temporalidade que ainda não sei descrever, fui rapidamente transportada ao capítulo do *Seminário I* de Lacan (1953-1954/2009) intitulado *A função criativa da palavra*, no qual afirma: “porque a palavra atual, como a palavra antiga, é colocada num parêntese de

tempo. Numa forma de tempo (...), a palavra do analista tem o mesmo valor que a palavra antiga” (p. 315).

Foi como se o significante “acidente” se condensasse, em um instante, enquanto sentido antigo e atual, na medida em que foi pontuada por mim. Quando leio o que Lacan escreve sobre o valor da palavra de um analista, penso em momentos como esse, nos quais a palavra parece ter efetivamente um efeito, inclusive no real do corpo, que se arrepiou enquanto dizia uma única palavra: *acidente*.

Assim como no trabalho condensatório que acontece na formação de um sonho, uma única palavra fez vários elementos e temporalidades se comprimirem e conseguirem passar pelo buraco da fechadura da censura, proporcionando também um deslizamento na cena. Falar do valor da palavra envolve dar importância ao fato de ela estar inserida em uma relação de transferência, e é a partir disto que podem operar deslizamentos na posição do sujeito.

A palavra “acidente”, tão frequente no relato sobre a mãe nas sessões, incorpora uma intensidade e assume um novo estatuto. Houve uma condensação de diversos elementos quando se deu a metáfora, como se o significante “acidente” se referisse, ao mesmo tempo, a um acidente físico, a uma filha não planejada, a sentimentos de culpa e dívida em relação à mãe por se sentir tão danosa quanto o acidente etc. Muito veio à tona e muito ainda pode vir dos inúmeros afetos e sentidos que foram condensados nessa metáfora sobre sua origem.

“A metáfora será o modo do poeta traduzir aos mortais, de maneira suportável, a sagrada e terrível realidade (...) na sua criação, o verdadeiro se torna o verdadeiro comunicável” (Telles, 1979, p. 13). Sabemos que ir de encontro a algumas questões pode trazer muito sofrimento, e podemos encontrar maneiras alternativas de fazê-lo, dentro daquilo que é possível comunicar. Quando uma metáfora acontece, ela subverte a significação estrita, daí o efeito poético, que permite que o dizer aconteça de outro modo.

A operação inconsciente de condensação resultou numa metáfora para dizer dela e do fato de ter sido uma filha não planejada, e assim se estabeleceu uma quebra da linearidade, uma ausência – a duplicidade de sentido ou até a sua suspensão –, que conduziu à criação de um novo sentido.

Para Lacan, a metáfora se dá a partir da ausência, de uma falta. Quando buscamos um nome, encontramos a falta e, a partir disto, um novo sentido é requerido, o que exige uma criação metafórica (Lacan, 1957-1958/1999).

Retomando a fórmula da metáfora, segundo Lacan (1957/1998, p. 519):

$$f\left(\frac{S'}{S}\right)S \cong S (+) s$$

O significante “filha não planejada” (S’) foi substituído pelo significante “acidente” (S), promovendo um efeito de significação na medida em que remonta ao sentido que o significante “acidente” já tinha na história subjetiva da paciente, trazendo à tona conteúdos recalçados que diziam de seu lugar em relação à mãe: uma posição culpada, por sentir que tinha, para a mãe, a mesma conotação do acidente lhe causara tanta dor. A dinâmica da díade mãe-filha se desvela, e algo pôde se desatar a partir daí, pois foi dito de outra maneira: o enunciado se transformou em uma enunciação.

Lacan coloca a metáfora como um fenômeno que comanda o uso do significante, já que pode fazer com o que a cadeia mude de direção. Ela propicia que conexões preestabelecidas sejam desatadas, que nós sintomáticos se enodem de uma nova forma, como aconteceu com a paciente. Analista e analisanda, mediadas pela linguagem, podem formar uma solução de compromisso que possibilita um reposicionamento subjetivo em relação ao sintoma, na medida em que se produzem novos pontos de amarração.

Nessa relação, o analista não tem o objetivo de orientar o sujeito a um saber, mas de guiá-lo na construção das próprias vias de acesso a esse saber (Lacan, 1953-1954/2009). Não

se trata de um entendimento consciente do que é dito, mas justamente de poder desatar algo do discurso.

A análise não visa a uma reconstituição da imagem narcísica do sujeito, ou a um fortalecimento do eu, mas a possibilitar que se habite o local da derrocada, a queda de um sentido que pode se reconstruir a partir de outro lugar. A psicanálise, assim como a arte, demonstra que é possível fazer algo com o vazio, a falha e a perda – muitas vezes, é quando o sentido deixa a desejar que o sujeito desejante pode advir.

No *Seminário 2*, Lacan (1954-1955/2010) realça a importância do analista se situar bem em suas colocações. Ele reconhece que incidir sobre o real é uma raridade, mas esclarece que as intervenções que não se encaminham para o real podem cair no erro de reforçar o imaginário. Tal proposição o acompanha no desenvolvimento de sua teoria; posteriormente, esclarece que o encontro contingente com o real, que ele postula como *tiquê*, é “o dever do analista na interpretação da transferência” (Lacan, 1964/2008, p. 67).

Uma intervenção que toca o sujeito pode ocorrer por meio da arte, da ficção, do que escapa ao uso comum das palavras. O reposicionamento subjetivo não vem do “bater de frente”, e sim do que pode ser visto de lado, que surpreende com uma nova perspectiva.

No fragmento de sessão apresentado, a “armadilha imprevista” foi uma palavra usual, porém, capaz de inquietar e interrogar a analisanda enquanto sujeito. Para Bataille (1988), a intervenção do analista “consiste em parar naquilo que deve assumir valor de última palavra da frase” (p. 46).

Faz-se necessário lançar luz sobre o fato de que a intervenção se deu a partir de uma única palavra. Nos subitens anteriores, destacamos o quanto a *praxis* analítica se distancia das longas explicações, dos discursos pedagógicos ou moralizantes, apontando para uma função que deve levar em conta a perspicácia das palavras, tomando cuidado para não sufocar a falta com a fala vazia.

Lacan (1957-1958/1999) comenta que a espirituosidade, característica marcante do chiste e da metáfora, não se produz pela via da explicação. Exige uma fala concisa, capaz de arrematar momentaneamente:

A concisão, diz em algum lugar Jean-Paul Richter, citado por Freud, é o corpo e a alma da espirituosidade, ao que podemos acrescentar a frase de Hamlet que diz que, se a concisão é a alma da espirituosidade, a prolixidade não deixa de ser seu corpo e seu ornamento. (p. 113)

No entanto, ele também nos atenta para o que já mencionamos anteriormente: uma análise não se faz só de momentos concisos; a prolixidade, assim como as explicações e significações, também se fazem presentes enquanto corpo e suporte do discurso. Ou seja, não se trata de codificar o fazer analítico, mas demonstrar que a concisão precisa ter lugar na clínica

Ainda que não se confundam, existe certa proximidade entre a concisão e a condensação, conceito que detalhamos no capítulo anterior. A primeira diz respeito a se desfazer dos exageros da fala, e a segunda remete à concentração de vários elementos em um, mais conciso. Porém, independente da definição, são fenômenos linguísticos que nos mostram que o jogo com as palavras enriquece o modo como falamos, e, em um contexto de análise, pode propiciar a criação de novos sentidos.

Tomar a fala como um jogo de palavras, enquanto presença e ausência, e contemplando os fenômenos linguísticos inesperados, é o que pode servir como um espelho de Perseu para os analistas. É um ponto de partida, que nos adverte que a verdade está escrita em outro lugar (Lacan, 1953/1998).

O inconsciente não se dá a ver, não há nada que possa nos preparar para suas manifestações, nem para seus efeitos. Na vinheta citada, por exemplo, a metáfora atravessou e assustou ambas, analista e analisanda. Fazendo um paralelo com o chiste, Freud (1905/2017)

comenta que não se trata de um comportamento, como emitir um juízo ou uma objeção, e até estranha quando se diz que “fazemos um chiste”. Para ele:

O chiste tem, de maneira destacada, a natureza de algo que nos ‘ocorre’ involuntariamente. Um minuto antes, digamos, não sabemos ainda o chiste que faremos, e que só precisará ser dotado de palavras. Pressentimos antes algo indefinível, que eu compararia a uma ausência, um súbito abandono da tensão intelectual – e o chiste surge então de um golpe só. (p. 239)

É interessante como Freud já dá indícios da importância da ausência, do abandono da tensão intelectual em prol do advir do sujeito, ressaltando também que isso não se dá de maneira suave; tudo o que transforma também transtorna.

O sonho, o chiste ou a metáfora surgem de um golpe só. E o que vem depois do golpe? Talvez não seja da ordem de um resultado, e sim de um efeito, o efeito poético. Existe uma transgressão da significação usual, que propicia um encontro do sujeito com algo de si.

Esse golpe ressoa como badaladas que não deixam escolha: é preciso escutar. Existe um abalo; quando uma metáfora ou uma tirada espirituosa acontecem, elas se colocam como mensagens incongruentes, no sentido de não pertencerem a um código. No plano significante, fica claro que tal mensagem é disruptiva, pois viola e abala o código em prol de desvelar o sujeito do inconsciente.

A diferença entre mensagem e código precisa ser autenticada por um Outro. Para Freud (1905/2017), o estudo sobre o chiste precisa levar em consideração o seu efeito em quem o escuta. Transpondo para a metáfora, concluímos que é preciso que alguém a pontue. As manifestações inconscientes precisam encontrar uma escuta atenta e aberta a elas, um analista que aposte na subversão do código para atravessá-lo rumo à escuta do que tem valor de mensagem.

O código nos organiza os significados; dispomos de um alfabeto e de regras gramaticais. No entanto, isso não contempla toda a experiência do ser falante. É preciso ir além, “falar de maneira válida das funções criadoras que o significante exerce sobre o significado” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 33). O sujeito precisa acrescentar algo próprio ao que diz, mesmo que (e para que) fale e falhe. Embora seja impossível dizer tudo, podemos encontrar nossa própria maneira de dizer do impossível.

A metáfora manifesta a importância do significante nos mecanismos do inconsciente e coaduna com o chiste enquanto tendo uma função de escapar ao código, às significações fixadas e à censura. Ademais, preserva outro papel fundamental: “o arado do significante sulca no real o significado, literalmente o evoca, o faz surgir, maneja-o, engendra-o. Trata-se das funções da metáfora e da metonímia” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 33).

A metáfora parece adquirir uma conotação de drible; é como se pudesse, por uma via chistosa, contornar o inacessível do real e a dureza da censura e do código, demonstrando a perspicácia não só da linguagem, mas do inconsciente. No entanto, como já mencionado, metáfora e metonímia exercem uma relação de complementaridade e correlação, e “não haveria metáfora se não houvesse metonímia” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 80). Existe, portanto, uma condição mínima para que a metáfora aconteça: a cadeia significante, que desliza continuamente. A contiguidade da cadeia é o que permite derivações e flexões significativas, tendo como efeito o sentido.

Em suma, ainda que as metáforas provoquem uma condensação e um arremate momentâneo de sentidos, elas têm uma forte relação com a metonímia e o deslizamento da cadeia. Seria um erro associar a metáfora a algo que imobilize ou paralise o sujeito; pelo contrário, é um mecanismo que o convida a criar, na medida em que abala seus sentidos e verdades pré-estabelecidas, aproximando-o do real.

Na vinheta descrita acima, a metáfora teve um efeito de deslizamento no discurso, e, por consequência, na posição subjetiva da paciente. O véu pôde cair, e ela começa a falar do cuidado com a mãe enquanto o pagamento de uma dívida, já que sentia ter trazido à mãe tanto dano quanto o acidente. Sua posição tão enrijecida, culpada e devedora, pode então dar lugar a uma postura mais própria; suas questões puderam finalmente aparecer em referência a ela, e não mais à mãe. É como se algo do enodamento dela à mãe pudesse ter desatado em direção a uma nova articulação.

Nos encontros seguintes, podendo se diferenciar aos poucos da identificação com o acidente, surgiram elementos mais singulares e próprios à paciente, como o desejo de ampliar as amizades, a possibilidade de mudar de curso na faculdade, a relação com o irmão etc. Foi como se houvesse uma apropriação de seu discurso, de suas questões, e um momento importante na desobstrução da trajetória que aponta para o seu desejo.

O surgimento da metáfora trouxe um novo ritmo às sessões, na medida em que fez um corte que arrematou uma série de ideias e sentimentos, e, logo em seguida, abriu caminho para que outras ideias e sentimentos pudessem surgir. Em *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900/2019) afirma que o sonho é muito conciso em relação aos pensamentos oníricos, e isso demonstra que houve ali um trabalho de condensação. Por outro lado, a análise do sonho é muito mais longa que o sonho em si, e pode revelar “novos pensamentos escondidos por trás do sonho” (p. 319).

Freud aponta a condensação não só como mera conjunção de elementos, mas como um fenômeno que pode dizer do que estava oculto e até recusado. Além disso, reitera a ideia de que existe um movimento simbólico de abertura e fechamento, algo que se condensa e volta a se ampliar, e vice-versa. Ele usa o termo “trabalho de condensação”, enfatizando o papel do sujeito e de sua escolha diante do processo: há um trabalho, ainda que inconsciente, para que

o pensamento onírico ou a fala (e por consequência, a metáfora) contorne a censura e possa se apresentar de forma condensada.

Ele também nos atenta para o fato de que alguns elementos que surgem em análise podem ser elaborados por muito tempo, um único significante pode gerar longas análises, assim como um sonho, um chiste ou uma metáfora. É curioso como as metáforas que surgem nas sessões vão formando quase um dialeto próprio, uma relação de confiança com o paciente – aquela passa a ser uma palavra nossa, da nossa relação, do nosso *entre*.

As sessões se enriquecem com os acréscimos de sentido proporcionados pela metáfora, que abre novas possibilidades de associação. Freud (1900/2019) pontua que existe um caminho que “leva de um elemento do sonho para vários pensamentos oníricos; e de um pensamento onírico para vários elementos do sonho” (p. 325), reafirmando que há um movimento, um trânsito, no qual se faz ida e volta em direção ao fechamento e à abertura de sentidos, e é assim que se percorre o caminho da associação.

Renato Mezan (2023), ao falar do seu processo de escrita, faz uma analogia com o movimento de sístole e diástole, um abrir e fechar de ideias, o que coaduna com a proposta lacaniana de que há “um movimento do sujeito que só se abre para tornar a se fechar” (Lacan, 1964/2008, p. 125). A metáfora também figura enquanto uma ferramenta que movimenta: abre espaço para criação de novos sentidos e fecha este espaço no sentido de um arremate – momentâneo. Sístole e diástole operam aqui como uma metáfora do que a metáfora pode fazer enquanto agente na nossa circulação – não a sanguínea, mas a do desejo.

Rosenfeld (1998) defende que as metáforas podem dar voz a experiências que por outras vias permaneceriam caladas. O fazer clínico psicanalítico, ainda que tenha a fala como meio de trabalho, depara-se constantemente com a condição de que existem conteúdos que as palavras não alcançam, e, nesses momentos, as metáforas podem iluminar, fazendo emergir algo novo, que diga daquele sujeito enquanto singularidade.

A metáfora se produz espontaneamente na linguagem para que o sujeito possa dizer de si e aproximar-se do real, um encontro que, por outro caminho, talvez fosse da ordem do impossível. O real, indizível por definição, continuará sem ser dito, mas fica encaixado no “entre” um significante e outro. Essa é uma das principais relevâncias da metáfora, não só por ela mesma, mas por seu efeito – o efeito poético (Rosenfeld, 1998).

A partir da metáfora, que coloca o efeito poético em jogo ao ultrapassar a significação, pode ocorrer um encontro com o inconsciente. A fala metafórica se aproxima da enunciação e do dizer, e nos relembra que o sentido não está na palavra, mas no uso que o sujeito decide fazer dela.

Lacan (1954-1955/2010) diz que pode até existir um dicionário de palavras, mas não de frases. A escolha das palavras é específica; o que cada um opta por comunicar e como o faz é sempre único: “a linguagem é feita para isso, mas não é um código, ela é essencialmente ambígua” (Lacan, 1954-1955/2010, p. 376), ressonando com a verdade do sujeito.

A fala faz referência e se fundamenta no plano da verdade, que não equivale ao plano da realidade, mas àquele que proporciona o surgimento de novos sentidos na realidade, a ficção que cada sujeito se implicará em criar. Ou seja, os sentidos não estão dados; é o plano da verdade que introduz os sentidos no plano da realidade (Lacan, 1957-1958/1999).

Segundo Freud (1905/2017), o sujeito empresta um sentido novo ao enunciado, que não necessariamente lhe pertence logicamente. Quando isso acontece, encontramos a verdade nesse enunciado, causando um contraste entre o significado e a falta de significado das palavras. Entra-se em contato com a dimensão que Lacan propõe acerca da palavra, que é “uma presença feita de ausência” (Lacan, 1953/1998, p. 277).

Na fala do sujeito sobre qualquer assunto, ele aparece. Dizer algo de determinada maneira implica uma escolha, consciente e inconsciente, de quais significantes usar e, por consequência, quais significantes excluir. O sujeito emerge na fala, é a partir dela que

poderemos acessar a verdade, o inconsciente e o desejo. Porém, muitas vezes isso se dá quando a fala falha, tropeça:

O discurso, desligado de um certo número de suas convenções pela regra dita fundamental, põe-se a jogar mais ou menos livremente em relação ao discurso ordinário, e abre o sujeito a essa equivocação fecunda por onde a palavra verídica encontra o discurso do erro. (Lacan, 1953-1954/2009, p. 368)

Tratar a equivocação como fecunda e reconhecer que a palavra verídica pode emergir pelo erro do discurso fazem parte da posição subversiva que a psicanálise ocupa, reiterando a especificidade da escuta analítica. Escutar o sujeito na singularidade de seu discurso é estar atento à palavra enquanto ambiguidade presença-ausência, lidando com a polissemia e os limites da simbolização.

Além disso, é preciso estar atento ao modo como os significantes se articulam em cadeia; um significante não significa nada até que seja inserido na história de cada um. Na vinheta apresentada, ainda que a palavra “acidente” seja comum e tenha estado presente por toda a história da analisanda, o quanto ela própria se sentia um acidente permaneceu elidido.

Lacan (1954-1955/2010) esclarece que há uma regra: “nenhum elemento significante, objeto, relação ou ato sintomático, na neurose por exemplo, pode ser considerado como tendo uma importância unívoca” (p. 295). Ou seja, não há fixidez em nenhum elemento significante, nem de sentido nem de importância. Assim, falar de “acidente” pode assumir diversos sentidos para a paciente, não só o de um acidente de carro ou de uma filha não planejada.

No entanto, sempre que um significante emerge em outro lugar, atrelado a uma outra significação, adquire um novo efeito. Não importa o quanto a linguagem seja codificada em regras gramaticais; abre-se inevitavelmente espaços para que o sujeito possa aparecer, escolher, se colocar e deslizar para novas significações.

É importante ressaltar que atos criativos em análise são reveladores também do investimento do analisando. Muitos pacientes, ao começarem um processo de análise, passam a recordar mais dos sonhos, a se escutar mais, “pescar” os próprios atos falhos. Ao se apropriarem de sua fala, surgem novas possibilidades de associações e abertura de caminhos até então não conhecidos.

Os analisandos dizem coisas que vão bem mais longe do que suas intenções, podendo confessar a verdade mesmo sem estarem comprometidos com ela. Com as metáforas ou outros fenômenos linguageiros, o fato é que o uso criativo das palavras no contexto analítico conduz a experiências inéditas, descobertas da língua que permitem o movimentar – dos significantes, dos sentidos e até do próprio sujeito – sem precisar esgotar.

As palavras não dizem tudo, mas podem dizer muito, até quando faltam. É graças à falta que a metáfora surge, por exemplo, “exatamente no ponto em que a ordem da língua se rompe, não porque a língua seria uma máquina lógica, mas, ao contrário, exatamente porque em seu funcionamento significante, a língua é sujeita a falha” (Mariani, 2007, p. 58).

Sabemos que tão importante quanto enfatizar as possibilidades de um sujeito quando fala é reiterar que nenhum sujeito, em nenhum contexto, está imune aos limites da simbolização. Milner (2012) nos alerta para o fato de que há um choque quando percebemos que a palavra não diz tudo, já que “há um impossível próprio da língua (...) um real – e o ser falante tem de se arranjar com ele” (p. 7). Arranjar-se com o impossível exige criatividade, invenção, contornos. É o que fazemos em análise a todo momento: a partir de algo que se pode conhecer sobre o inconsciente, buscamos nossas verdades libertadoras. Para a psicanálise, a verdade do sujeito está noutro lugar, alhures, e não se constitui pelo saber fálico.

A fala pode tornar-se rica – não apesar dos limites da simbolização, mas por causa deles. É enfrentando barreiras que o sujeito se permite recalculer a rota e buscar alternativas

que o revelem a si mesmo. Esbarrar no impossível da língua e num alfabeto fixado não impede que haja recombinações tão diversas e singulares dos significantes.

O modo de se haver com as tramas da linguagem é sempre único, a escolha das metáforas (e das palavras) é sempre particular, operando como reflexo de uma posição subjetiva e sendo sustentada por ela. Ainda que aconteça de forma quase acidental, denuncia uma espontaneidade que diz do sujeito falante e desejante. Como afirma Lacan (1957-1958/1999), “não existe palavra para exprimir uma coisa, uma coisa que tem um nome e que é justamente o desejo. Para exprimir o desejo, como a sabedoria popular sabe muito bem, só existe a lábua [*du baratin*]” (p. 396).

Ao teorizar a técnica do chiste, Freud (1905/2017) afirma que a forma mais pura de um chiste é inofensiva e despretensiosa, e que a intelectualidade pode inclusive confundir o juízo do analista e impedir progressos. Isso se aproxima do que Lacan propõe como lábua, que também não é qualquer fala, nem uma fala qualquer, mas um dizer que tem ressonâncias no desejo e conserva o papel preponderante da linguagem: evocar.

Ao trazer a dimensão da sabedoria popular e da lábua – já que *baratin* também pode ser traduzido como “papo furado”, “conversa fiada”, uma fala “besta” e espirituosa – Lacan se mantém na contramão do discurso enrijecido e formal, abrindo espaço para as hiências e tropeços onde a linguagem se movimenta e faz efeito no sujeito. No *Seminário 20*, traz a importância de, enquanto analistas, engajarmos o sujeito a falar besteiras, uma vez que, por meio delas, é possível acessar o sujeito do inconsciente e a análise pode acontecer: são ditos que não podemos des-dizer (Lacan, 1972-1973/2008).

A metáfora não é um significante como outros, mas fruto de um trabalho complexo com o inconsciente e a palavra. Por não estar estritamente comprometida com a objetividade e a exigência de compreensão, constitui um terreno mais livre, possibilitando uma experiência de deslizamento, polissemia e criação, para assim franquear o reposicionamento do sujeito.

Em *A instância da letra no inconsciente*, Lacan (1957/1998) faz referência a Freud para dizer da metáfora enquanto algo também espirituoso, chistoso, sem tanta fixidez ao sentido:

Vemos que a metáfora se coloca no ponto exato em que o sentido se produz no não-senso, isto é, na passagem sobre a qual Freud descobriu que, transposta às avessas, dá lugar à palavra que é, em francês, ‘a palavra’ – *le mot* ou *le bon mot*, que designa em francês o dito espirituoso, o chiste. (p. 512)

A língua é viva e, dentre suas várias propriedades, está a possibilidade de deslizamento, o que “aponta para o fato de que em qualquer ponto do encadeamento significante há uma possibilidade de falha, fratura, produzindo uma deriva do sentido” (Mariani, 2007, p. 55).

Por fim, sintetizamos a necessidade de ultrapassar a significação fixada e o discurso petrificado para dar lugar ao jogo com as palavras e à criação de novos sentidos. A metáfora é uma das demonstrações de como essa estratégia pode movimentar as sessões e, por consequência, tocar no movimento desejante do sujeito.

2.3. Deixar a Desejar para Deixar Desejar: Um dos Fundamentos da *Praxis* Analítica

Tem coisas que só são subversivas na medida em que não foram ensinadas. Quando muito, foram apreendidas, na vivência do gosto e do rastro. E é sempre enigmático o que quer que seja que responda ao nosso desejo.

–Paula Vaz, *Atire a Primeira Pedra Neste Coração Cansado*

Início este capítulo apresentando outra vinheta clínica, com o objetivo de demonstrar a metáfora em operação em uma sessão de análise e os efeitos que dela decorrem. O caso se refere a uma paciente de meia-idade, já em análise há alguns anos, que passa por um processo de separação do marido e, em uma das sessões, comenta que o ex-companheiro estava em um novo relacionamento.

Apesar de se dizer decidida pela separação, relata inseguranças em relação à atual namorada de seu ex-marido, principalmente por ela ter um título de doutorado. Quando

proponho que nos aprofundemos nesse fato, ela explica que precisou abandonar o próprio mestrado para mudar-se de cidade com o marido por conta do trabalho dele, algo que nunca havia sido superado. Embora seja bem-sucedida profissionalmente, não deu seguimento aos estudos após a mudança de cidade.

A questão dos estudos estava sempre latente, mas outros temas também permeavam as sessões. Em uma delas, ao pontuar um avanço em sua postura diante de situações desafiadoras, ela se desconcerta e parece tentar minimizar sua conquista, ao dizer “hmm, é... não tanto, né, fui só do básico ao fundamental”. Ela se referia aos primeiros anos escolares, tão distantes de um doutorado, por exemplo. No entanto, pontuei o quanto suas conquistas eram fundamentais, pois já havia ultrapassado o nível básico de elaboração, podendo, assim, produzir uma mudança de postura fundamentalmente potente, essencial e central. Assinalei ainda que isso seria determinante, em qualquer caminho que decidisse traçar.

O desejo pelo estudo era um fundamento próprio, que não estava atrelado ao casamento, tampouco ao divórcio; poderia, assim, sustentá-lo em planos futuros, tal como uma boa fundação sustenta qualquer empreendimento a ser construído. Passar do básico ao fundamental poderia ser a travessia que a levaria a se apropriar de seu fundamento, de seu desejo e, a partir disso, encontrar o que era fundamental para si.

As sessões passaram a abrir espaço para uma diferença importante entre o que era fundamental para o outro e o que era fundamental para ela. O tema dos estudos ainda costurava seu discurso e, algum tempo depois, pôde ingressar em uma especialização de seu interesse naquele momento. Talvez não fosse sobre o doutorado, ou a idealização do que seria “o topo da carreira acadêmica”, mas sim sobre ir ao encontro daquilo que era seu fundamental.

Pensaremos esta vinheta com o auxílio da fórmula da metáfora (Lacan, 1957/1998, p. 519):

$$f\left(\frac{S'}{S}\right)S \cong S (+) s$$

Propomos que o significante “pequeno avanço” (S’) foi substituído por “do básico ao fundamental” (S), trazendo à tona o sentido que os termos já tinham para a paciente, tremetendo à questão dos estudos e da companheira de seu ex-marido. Ou seja, quando, no lugar de dizer que teve apenas um pequeno avanço, a paciente escolhe dizer que foi do básico ao fundamental, essa substituição de um significante por outro e o ganho de sentido a partir disso configuram a metáfora.

O significante “fundamental” condensa as significações referentes às etapas formais do sistema educacional e ao que é primordial, estrutural. Como já mencionado, o processo metafórico envolve uma quebra, uma suspensão de sentido que convoca a criação de um novo sentido pelo sujeito, e isso pode engendrar uma mudança na direção da cadeia significante.

Em um contexto de análise, não se trata apenas do conteúdo da fala, mas de sua forma: “do que essa paciente está falando quando fala disso?”. A escuta analítica não se propõe somente a compreender significados, mas a buscar e revelar o que se dá na forma singular de um sujeito se expressar. Nesse caso, por exemplo, o que, na fantasia da paciente, estava em jogo ao atribuir valor ao título de doutorado? Em que direção apontava seu desejo?

Para Freud (1915/2010), “o caminho do psicanalista é um outro, para o qual não há modelos na vida real” (p. 220). As perguntas acima não anseiam apenas por uma resposta, mas por um caminho, por uma maneira de colocar o afeto em palavras – e esse processo é particular. Ou seja, o analista não escuta só a palavra, mas a maneira como o próprio sujeito a organiza. Na “vida real”, o foco se dá na significação; em análise, o foco é o significante, que é desprovido de sentido até que o sujeito lhe atribua algum.

Didier-Weill (1997) comenta que, em uma sessão de análise, “está-me sendo lembrado que estou sob processo: processo onde não lido com um juiz que me interrogaria sobre o que eu digo, mas sobre o próprio fato de eu dizer” (p. 8). O que está em jogo é o sujeito falante –

e, por conseguinte, faltante – se havendo com a falta na linguagem e fazendo contorno a isso na medida em que pode assumir a posição de dizer, em detrimento do dito.

Dor (2004) postula a intervenção do analista como uma operação de linguagem, que visa “um corte significativo na ordem do dito, para liberar a ‘linguagem primeira’ do desejo inconsciente que se articula no dizer” (p. 120). Ao escutar o sujeito do inconsciente, o fazer analítico precisa acontecer por meio da linguagem, interrompendo a fala informativa para dar voz ao sujeito, e ao que pode aparecer de seu desejo enquanto fala.

Isso nos remete ao efeito poético, que expande o potencial da palavra para uma criação nova, um vir-a-ser da verdade do sujeito, que dá notícias em sua fala. Diante da não equivalência entre significante e significado, surge um vazio que engendra o efeito poético:

Na poesia o esvaziamento do sentido faz com que um sujeito renovado surja ao serem tiradas as máximas consequências daquilo que forçadamente lhe sobra como única garantia de seguir adiante quando se lhe atravança, radicalmente, o caminho costumeiro para a satisfação de sua demanda significacional. (Souza Jr., 2023, p. 113).

Uma das premissas mais importantes da psicanálise é a ideia de que um sujeito pode se reposicionar subjetivamente, caminhando por outra via que não a costumeira. Podemos depreender da citação acima que esse movimento não se dá por meio da demanda por uma significação, mas por um desejo que topa transgredi-la. O desejo, que é sem objeto, diz justamente de um processo, e não de uma demanda satisfeita.

Nas palavras de Azevedo (2001), o desejo advém do vão que se cria na impossibilidade de equivalência entre significante e significado, emergindo em virtude das inúmeras possibilidades associativas que o significante oferece. A autora acrescenta, ainda, que a metáfora dá uma forma a esse vão.

O destino do sentido é o fracasso: ele sempre deixa a desejar. Fazendo referência à citação anterior, o fato de o sentido fracassar atravança o sujeito, levando-o de encontro a um

limite de significação que o convoca a criar. Do contrário, não poderá seguir adiante. Em resumo, a demanda pela significação precisa dar lugar ao movimento desejante.

Para Lacan (1953-1954/2009), no *Seminário I*:

O desejo inconsciente, quer dizer, impossível de se exprimir, encontra meio de se exprimir, não obstante, pelo alfabeto, a fonemática dos restos do dia, eles mesmos desinvestidos do desejo. É, pois, um fenômeno de linguagem como tal. É a isso que Freud dá, quando o emprega pela primeira vez, o nome de *Übertragung*. (p. 318)

Reiteramos, portanto, que o desejo não está na significação ou no alfabeto, mas no que se passa com eles: um fenômeno de linguagem – que pode ser uma metáfora, um trocadilho, um ato falho, dentre outros – por meio do qual o desejo pode se exprimir pela palavra. Nesse contexto, corroboramos Maurano (2006), quando afirma que “a transferência é a aposta de que há que existir um saber que virá dar conta dessa falta do encontro perfeito, desse furo presente na relação do sujeito ao Outro” (p. 28).

Esse saber não é necessariamente da ordem da intelectualidade, mas de uma verdade sobre o sujeito, tal como, de acordo com García (1977), ocorre com os poetas, que “vão perdendo seu estatuto de conhecimento para recuperar um valor de verdade” (p. 30). Trata-se de um saber que o sujeito constrói junto ao analista, em um encontro que viabiliza a transformação do horror do trauma em algo suportável.

Lacan (1960-1961/2010) associa a transferência ao fato de “fazer perceber ao doente a que ponto ele está longe do real, devido ao que ele produz de fictício com a ajuda da transferência” (p. 387). Desse modo, é a partir das ficções e construções que se dão na transferência que o analisando poderá ter alguma dimensão do lugar que ocupa frente ao real.

Diante da falta, o sujeito desejante cria: “com maior ou menor habilidade, fabricamos ficções não para que o falso pareça verdadeiro, mas para conseguirmos dizer o verdadeiro mais indizível, com absoluta fidelidade, por meio das ficções” (Ferrante, 2023, p. 75). O ímpeto de

criar é, para o sujeito, tão ou mais importante do que a criação em si, constituindo-se como o ato de fazer contorno, a demonstração de que se pode fazer algo com o vazio do indizível.

Para franquear tal processo, é importante que o analista ocupe um lugar de causa: ele renuncia ao saber para sustentar o equívoco e a suspensão do sentido, dando chance para que a palavra do sujeito apareça. García (1977) sintetiza que “a palavra pode ser atuada (daí vem o acting, a passagem ao ato, etc.), vista (alucinações), padecida no corpo (conversão), dita na análise (transferência)” (p. 16). Nosso enfoque é na palavra dita que, acontecendo na transferência, faz seu emprego metafórico ganhar ênfase.

A palavra é metafórica, pois comporta um mais-além, e tem função criadora. Em 1954, Lacan se dedica a destrinchar a relação entre a palavra e a transferência, e afirma:

A palavra não tem nunca um único sentido, o termo, um único emprego. Toda palavra tem sempre um mais-além, sustenta muitas funções, envolve muitos sentidos. Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e, atrás do que ele quer dizer, há ainda um outro querer-dizer, e nada será nunca esgotado – se não é que se chega ao fato de que a palavra tem função criadora. (Lacan, 1953-1954/2009, p. 314)

Lembramos que a criação não precisa ser algo novo, mas algo próprio, eventualmente iluminando um querer-dizer escamoteado por trás de um dito ou petrificado em uma significação. A transferência é um terreno fértil para explorar a propriedade metafórica da palavra, que lhe permite assumir múltiplas funções, sendo uma delas a possibilidade de uma criação na qual o sujeito possa aparecer, fazendo frente ao vazio da angústia e inserindo-o num movimento desejanste.

É importante situar que, apesar dos ricos desenvolvimentos de Lacan em torno do tema, foi a ligação estabelecida por Freud entre a histeria e a fala que modificou o modo como encaramos a palavra, reconhecendo sua importância e efeitos, e possibilitando construções posteriores. Tendo isso em vista, retomamos a citação da página 91 para salientar que, no

Seminário 1, Lacan (1953-1954/2009) faz referência ao primeiro uso do termo *Übertragung* por Freud, em *A interpretação dos sonhos*, para elucidar o mecanismo de deslocamento: “a representação inconsciente é incapaz, em si, de ingressar no pré-consciente, e que só consegue atuar nele unindo-se a uma representação inofensiva já pertencente ao pré-consciente, para a qual *transfere* [ênfase adicionada] sua intensidade e que serve para encobri-la” (Freud, 1900/2019, p. 614).

Nesse momento da teoria freudiana, a transferência ainda não é um conceito formalizado. Freud se refere ao fato de que os restos diurnos passam por operações – condensações e deslocamentos (para Lacan, metáforas e metonímias) –, até que possam irromper na consciência. No entanto, essa menção fundamenta elaborações subsequentes, como quando Lacan (1953-1954/2009) afirma que, desde o início dos estudos freudianos, a transferência é um fenômeno de linguagem, um deslocamento de significantes, ou seja, uma metonímia.

Quando Lacan aprofunda sua teorização acerca das relações entre linguagem e inconsciente, automaticamente enlaça esse estudo à transferência. Para Dor (2004):

os processos psíquicos inconscientes circunscritos por Freud encontram-se, no princípio mesmo de sua descoberta, submetidos à dimensão psíquica da linguagem e aos pontos de apoio nos quais esta dimensão se sustenta através da transferência. Eis, então, dois pólos: linguagem e transferência, delimitando o campo de inserção de uma prática que se pode tomar como autenticamente inaugurada por Freud. (p. 11)

Por sermos seres de linguagem, conteúdos inconscientes podem ser transferidos: deslocados para outros elementos da cadeia significativa, como na metonímia, e para o analista, como na transferência.

Em seu artigo *A dinâmica da transferência*, Freud (1912/2010) esclarece que “quando algo do material do complexo (do conteúdo do complexo patogênico) se presta para ser

transferido para a pessoa do médico, ocorre essa transferência; ela produz a associação seguinte e se anuncia mediante sinais de resistência” (p. 104). O analisando revive o sintoma (envolto em um complexo patogênico) na relação de transferência, como uma forma de resistência, a ser manejada pelo analista, que faz função de “liame: já está fora dela [da analisanda], porém, ainda é expressão de sua subjetividade. Ele será, portanto, campo de possibilidade de uma real assimilação do mundo externo” (Telles, 1979, p. 21).

O estudo da transferência passa, então, por dois eixos principais: enquanto uma condição para que a análise se dê, pois cria um campo no qual o sujeito pode endereçar sua fala ao analista; e uma forma de resistência ao trabalho analítico, na medida em que constitui terreno para a compulsão à repetição.

Como contraponto, gostaríamos de realçar as contribuições de Lacan (1960-1961/2010), quando comenta que “essa reprodução se distingue de uma simples apassivação do sujeito. Se a reprodução é uma reprodução em ato, então existe na manifestação da transferência algo de criador” (p. 219), e a proposta de Lerner (2024), ao dizer que é esperado do analista que “faça algo que o convença [o analisando] da experiência do inconsciente, fundando a transferência, pano de fundo onde se espera que se jogue a oportunidade de algo novo” (p. 198). Os autores enfatizam a faceta da transferência que se revela como um espaço fecundo para a criação. Diante disto, a repetição que se dá na transferência é de outra ordem: de um passado que se atualiza e implica o sujeito em fazer de uma palavra não simbolizada uma ação. É isso que faz da transferência uma fonte de ficções, pois nela o sujeito precisa construir algo (Lacan, 1960-1961/2010).

Freud (1914/2010) propõe a transferência como uma doença fabricada, na qual o analista pode intervir e “dar um novo significado de transferência a todos os sintomas da doença, *substituindo* [ênfase adicionada] sua neurose ordinária por uma neurose de transferência, da qual ele pode ser curado pelo trabalho terapêutico” (p. 154).

Um dos paralelos que buscamos traçar entre a transferência e a metáfora se evidencia pelo mecanismo de substituição da neurose pela neurose de transferência e os ganhos de sentido possibilitados por essa substituição, como formula Lacan ao situar o potencial criador das repetições na relação de transferência. Sendo assim, acentuamos o papel da transferência como possibilidade de elaboração, na qual o passado se faz presente em uma relação e, a partir disso, possibilita ao sujeito um reposicionamento criativo. Lerner (2024) diz:

A transferência deveria ser a oportunidade de que algo não dito se diga, de nomear o que aconteceu e para o qual não se disse palavra, de que alguma demora em algum momento se conclua, de que aquilo que é apressado tome seu tempo, ou, ainda, a oportunidade de que algo novo adquira valor de acontecimento. Em resumo: que se diga! (p. 200)

O sujeito aparece na e através da relação de transferência. As transformações só serão possíveis a partir do que analista e analisando vão fazer com os fragmentos trazidos, com o passado que retorna. A pontuação do analista não vai na direção do que é certo, mas de apontar a fixidez desnecessária. Não se trata, portanto, de uma discriminação entre certo e errado, mas de uma constatação de que é possível dizer de um novo modo.

A análise se beneficia da flexibilidade que propicia espaço para os giros linguísticos, para que o sujeito se movimente enquanto fala e a partir dela. Na presente dissertação, nosso objetivo é teorizar sobre a metáfora, no entanto, sabemos que equívocos, homofonias, atos falhos e outros movimentos languageiros são oportunidades de acessar o sujeito inconsciente. Quanto à metáfora, Azevedo (2001) diz que podemos situá-la “nos limites da linguagem, em que ela perfaz um movimento pulsativo entre o que é possível e impossível de ser dito, entre o representável e o irrepresentável” (p. 26).

Para a autora, assim como a metáfora, a análise também acontece no limite da linguagem, no pulsar que ultrapassa a significação e pode revelar algo desse lugar onde as

representações estão em suspenso. Ela propõe a metáfora como função e figura, ancorando-se em referências lógico-matemáticas e literárias: é função (como na fórmula apresentada por Lacan) por ser uma operação na qual um termo produz outro, e é figura na medida em que contorna e busca dar forma ao vazio que se instaura entre significante e significado. Nesse sentido, paradoxalmente, escancara o vazio da língua e se coloca como uma tentativa de lhe dar forma (Azevedo, 2001).

Desse modo, reafirmamos que o processo de análise guarda íntima relação com o que balança entre presença e ausência, como a palavra e o desejo. Enquanto sujeitos barrados e inseridos numa linguagem também faltante, não nos resta senão lidar com a falta e buscar uma posição menos sofrida diante dela.

Lacan (1960-1961/2010) descreve a relação analítica:

Fato de que alguém se isole com um outro para lhe ensinar o quê? Aquilo que lhe falta. (...) o que lhe falta, ele vai aprender amando. (...) não estou ali, afinal de contas, para o seu bem, mas para que ele ame. (p. 26)

Propor a relação de transferência como uma relação de amor remete ao aforismo lacaniano segundo o qual “a relação sexual não existe”, esse encontro impossível. Segundo o autor, “o que falta a um não é o que existe, escondido, no outro. Aí está todo o problema do amor” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 56). A associação entre transferência e amor é preciosa, e se relaciona com a poesia. Para Souza Jr. (2023), a poesia tem a ver com amor, compartilha uma familiaridade com o fracasso do sentido, com o encontro impossível entre significante e significado.

Diante desse paralelo entre amor e poesia, Maurano (2006), em seu comentário acerca da obra de Platão *O Banquete*, que fundamenta o seminário de Lacan sobre a transferência, retoma o que Diotima diz sobre o amor:

Ela começa por mostrar que aconteceu com o amor algo similar ao que houve com a palavra *poiesis*. Esta, que em grego originalmente significa a ação de fazer, de produzir, fazendo-se a causa da passagem do ‘que quer que seja do não ser ao ser’ – o que configura uma relação com a criação – acabou por ficar restrita à ação de fazer versos ou música. Segundo Diotima, o amor estaria vinculado, em sentido amplo, ao desejo do que é bom e nos faz felizes, seduzindo nossos corações, e ficou restrito a indicar a busca da metade de si mesmo. (p. 41)

Esta passagem nos alerta para o modo como o processo de restringir-se à significação fixa ou usual empobrece o potencial das palavras. Tanto a poesia quanto o amor têm um mais-além que não deve ser esquecido em prol de serem tomados, simplificarmente, como mera criação de versos e como busca da metade de si mesmo.

É importante preservar, teórica e clinicamente, a condição faltante, no amor e na poesia: uma escuta aberta ao não-ser que pode vir-a-ser pela via da poesia e uma relação de amor onde o que se tem a oferecer é o que não se tem – a falta, como causa de desejo. Assim, no campo da transferência, do amor, pode se dar a poesia, uma transformação “do que quer que seja do não ser ao ser”, como Diotima descreve.

Um processo de análise envolve amar e criar, polos importantes que nos libertam da objetificação e nos constituem enquanto sujeitos vivos, desejantes. Lacan (1960-1961/2010), aponta “o amante como o sujeito do desejo” (p. 50). Assim, o sujeito do desejo é aquele que ama, que sabe que o desejo é de outra coisa, e que o encontro com o objeto será sempre faltante; é um sujeito que cria, que topa se deparar com o vazio e seguir adiante, como os poetas.

O autor propõe “o amor como significante – pois, para nós, ele é um, e não mais que isso – o amor é uma metáfora – na medida em que aprendemos a articular a metáfora como substituição” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 57). O amor se refere à “substituição metafórica do *érômenos* pelo *érastês*” (p. 73), um processo no qual o sujeito passa de objeto amado

(*érôménos*) para tornar-se aquele que deseja (*érastès*), numa operação cujo efeito é um ganho: a significação do amor, que desfaz o ideal de completude e pode, assim, fazer passar ao desejo, já que “é como aquilo que lhe falta que se articula o que ele vai encontrar na análise, a saber, seu desejo” (p. 89).

Diante da falta, é possível uma articulação desejanter, algo que se pode construir em análise. Quando os sentidos estão em suspenso, a criação pode se dar, enlaçando o mais-além da poesia e o contorno do vazio oferecido pelo amor. É nesse sentido que a metáfora pode, enquanto ferramenta, contribuir com a *praxis* analítica: é uma operação linguística que produz efeito poético –ajudando-nos a ultrapassar a significação e fazer do vazio um espaço fecundo para criações singulares, e, assim como o amor, oferecer uma saída possível diante da falta.

Numa costura entre linguagem, inconsciente, poesia e amor, propomos que a clínica se oriente para o real, o impossível da significação, buscando fazer algo a partir desse encontro e possibilitando um caminho frente ao destino do sentido – sempre o fracasso. Quando o sentido deixa a desejar, instaura-se uma falta que possibilita o desvelar do sujeito desejanter.

Para que, em um percurso analítico, o sujeito se autorize a poetizar/criar e amar, é preciso suspender as certezas e se abrir ao imprevisível da língua: quem se dispõe a amar será sempre amador.

Conclusão

a experiência analítica maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo do sujeito sua mediação simbólica. (Lacan, 1953/1998, p. 323)

Dentre os fios condutores da presente dissertação, situamos a importância do desvelar do sujeito enquanto um dos propósitos da análise, partindo da premissa de que, nesse processo, não se trata de uma transformação ou evolução, mas de uma aproximação de si que possa reverberar em um possível desfrute da própria existência.

Desvelar-se é um movimento, facilitado e até convocado pelo contato com a falta. O sujeito advém na hiância, nas brechas, na falta do sentido, “sentido que topa se perder para desencadear o movimento desejanter” (Maesso et al., 2023, p. 127). Quando o sentido cumpre sua missão e fracassa, o sujeito se depara com um vazio que encaramos como oportunidade: de movimento, criação e desejo, iluminando o dizer que se perde por trás do dito.

Comparecer enquanto singularidade permite ao sujeito reposicionar-se diante de suas marcas, fazer algo novo com as palavras que lhe foram ditas e, assim, movimentar-se pela vida menos tomado pelo sofrimento da angústia. Se, na introdução deste trabalho, mencionamos uma ponte entre o dizível e o indizível que se dá na clínica, acrescentamos que, para o sujeito, é possível caminhar pelas pontes, fazer travessias – de onde não se cabe mais até o que ainda não está construído –, podendo vir-a-ser, já que o desejo sempre deixa pistas, e os vazios podem ser contornados.

Mesmo a fala mais defendida, enrijecida e verborrágica segue as leis da linguagem e, inevitavelmente, irá falhar. Nenhum ser falante está imune aos tropeços da própria fala, e cabe ao analista fazer disso um momento frutífero, pontuando na transferência: sempre que o sentido deixa a desejar, instaura-se uma oportunidade para deixar desejar, ou seja, uma abertura para o movimento desejanter do sujeito.

É papel do analista ir além da demanda para seguir as trilhas do desejo, apontando suas intervenções para o real – um impossível de ser apreendido, que escapa à experiência da simbolização –, conforme sugere o avançar da teoria lacaniana. Caso queiramos tentar bordejá-lo, é preciso recorrer a uma visão indireta e perspicaz, como a de Perseu, e lidar com poemas e desperdícios, como os poetas.

Não há oráculo grego que ofereça um passo a passo certo para encontrar o trilhamento desejante para o sujeito. O sintoma e o sentido podem ser metafóricos, mas o desejo é metonímico: sempre que chegamos perto, ele se desloca. Se desejo é movimento, enrijecer a fala em significações e compreensões só nos distanciará dele. Lacan (1956/1998) nos alerta:

Abstenham-se de compreender! (...) que um de seus ouvidos ensurdeça, enquanto o outro deve ser aguçado. E é esse que vocês devem espichar na escuta dos sons ou fonemas, das palavras, locuções e frases, sem omitir as pausas, escansões, cortes, períodos e paralelismos, pois é aí que se prepara a literalidade da versão sem a qual a intuição analítica fica sem apoio e sem objeto. (p. 474)

Abster-se de compreender passa, impreterivelmente, pelo estudo da fala e da linguagem, de fenômenos como os mencionados acima por Lacan, dentre outros. O inconsciente, estruturado como uma linguagem, faz desse estudo imprescindível para a psicanálise.

Um analista que explora a linguagem sem sufocar as entrelinhas pode abrir caminhos para o movimento desejante do analisando. A *praxis* analítica se beneficia desse enlace entre psicanálise e linguagem, e os analisandos também, pois, em uma sociedade que glorifica o sujeito apagado e busca incessantemente aplacar a falta com as mais variadas formas de consumo, qualquer oportunidade que respeite o advir do sujeito em sua singularidade e seja caminho para seu desejo é muito preciosa. Enquanto analistas, precisamos fazer frente ao discurso corrente, “no qual impera a ilusão de uma racionalidade consciente sem furos, em que

o excesso de sentido escamoteia as fissuras, recobrando a falta estruturante do sujeito e do desejo” (Maesso, 2023, p. 65).

O caráter subversivo da psicanálise se fez presente desde Freud, quando salienta a necessidade de ir na contramão dos preceitos vigentes. Posteriormente, Lacan aponta que a ética da psicanálise é a do desejo, sendo assim, a prática clínica não pode cair num falso e imaginário fortalecimento do eu. Para isso, coloca como condição o estudo das funções da fala e do campo da linguagem, já que não se pode aplicar ou compreender a técnica psicanalítica desconhecendo seus fundamentos conceituais (Lacan, 1953/1998).

Aprofundar no estudo da fala é o que nos possibilita ultrapassá-la, contemplando o mais-além que as palavras carregam, e, assim, ter a chance de avançar na prática clínica. Como diz Lacan (1954-1955/2010), “o fim do processo simbólico é que o não-ser venha a ser, que ele seja porque falou” (p. 414). É possível fazer algo quando o vazio do real se impõe, bordejando-o a partir do simbólico e franqueando a criação de algo próprio ao sujeito, como ocorre na poesia.

O efeito poético, fruto da transgressão da significação, pode engendrar um movimento criativo. Consideramos que os sujeitos são sobredeterminados, constituindo-se a partir de diversos conteúdos, alguns significáveis e outros não. Assim, poder ultrapassar o significado faz surgir uma oportunidade para que outras experiências sejam contempladas, aquelas que não se deixam apreender pela linguagem informativa.

Ao discorrer sobre a metáfora na *praxis* analítica, buscamos corroborar os ensinamentos de Freud e Lacan e demonstrar que o uso criativo das palavras pode nos levar mais longe. Dar espaço para as brechas do sentido, contemplando a palavra enquanto presença e ausência, propicia giros linguísticos que refletem num giro do próprio sujeito.

Para uma missão como esta, de fazer possível o impossível, dando uma forma ao vazio, precisamos de ferramentas. Assim como Perseu faz uso de um espelho, propomos que, dentre

os aparatos possíveis na técnica psicanalítica, temos a metáfora, essa artimanha da palavra que “pode alcançar coisas que uma linguagem mais literal não alcança” (Rosenfeld, 1998, p. 91).

Quando fala da tirada espirituosa, Lacan pontua: “ela designa, e sempre de lado, aquilo que só é visto quando se olha pra outro lugar” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 29). Mantendo nosso paralelo entre o chiste e a metáfora, salientamos a importância de o analista topar abrir mão do saber, do sentido literal, já que a verdade do sujeito está alhures.

O mito de Perseu, Manoel de Barros, Mário Quintana, Rilke e outras inspirações marcaram com sua perspicácia o caminho deste estudo, que busca oferecer elementos e reflexões numa tentativa de contribuir para uma escuta analítica perspicaz, reiterando que a ética da psicanálise é a do desejo, causado pela falta. Precisamos contemplar novas perspectivas, desperdícios, poemas, momentos efêmeros... e outras visões indiretas que nos permitam acompanhar o modo como o inconsciente se manifesta: de lado, no tropeço, na falha.

Ao longo dos estudos para escrever esta dissertação, senti ondas de associações que me levaram para longe, mais longe do que estava pronta para oferecer na escrita. Ainda são muitos os silêncios que aguardam composições, mas pude perceber, no consultório, que, nas semanas de atendimento seguidas dos finais de semana imersos na escrita, sentia-me mais leve e menos tomada pela ânsia de compreender. Fazia mais pontuações do que explicações, e os atendimentos pareciam mais criativos, como se passasse a criar um dialeto com cada um de meus analisandos.

A perspicácia de um analista passa pela postura disposta e disponível para deixar cair o sentido em prol da verdade do sujeito, de seu dialeto próprio, mantendo a fala como o que deve ser num processo analítico: espaço de possibilidade, para que o sujeito possa se desamarrar das palavras que o petrificam e o mantém medusado.

Didier-Weill (1997) traz um questionamento:

O analista poderá matar o mau-olhado que medusa o analisando? Poderá, em relação a isso, matar a Medusa, não usando, como fez Perseu, de uma esperteza que lhe permitira decapitá-la sem olhar para ela? Poderia, dizendo de outra maneira, matá-la pelo simples fato de olhá-la de frente, sem ser por isso medusado? (p.278).

Numa tentativa de resposta, ele comenta que, se existir alguma maneira, seria pela via do desejo do analista, principalmente, porque o desejo só se articula pela relação com a falta, e “bater de frente” com o analisando só nos tornará medusados também.

Para des-medusar o analisando, é preciso propiciar a construção de uma nova posição, que se desenha “com as palavras metaforizadas do desejo” (p. 177). O desejo se mantém sem nenhuma palavra que o signifique, que possa lhe equivaler, mas tem a chance de ser metaforizado, ganhando uma substituição congruente (\cong).

Ao explorar os recursos da língua, propomo-nos a habitar também a falta, reconhecendo nela a função de causa do desejo. Se Lacan afirma que “pelo discurso analítico o sujeito se manifesta em sua hiância, ou seja, naquilo que causa o seu desejo” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 17), salientamos que a metáfora, por ser um fenômeno que surge na queda do sentido produzindo algo novo, contribui para que o desejo circule, movimentando o sujeito nesta direção.

Não pretendemos com esta pesquisa esgotar a relevância da metáfora para a *praxis* analítica, mas lançar luz sobre um tema que pode enriquecer o trabalho clínico e contribuir para uma formação que contemple a complexidade própria da palavra dita na transferência.

Além da metáfora ser uma via de acesso ao inconsciente e ao desejo, é importante ressaltar que, ao longo de sua obra, Lacan define o sintoma como metafórico, visto que há um significante enigmático do trauma e um significante que o substitui na cadeia e fixa o sintoma, o qual se coloca como uma significação inacessível ao sujeito consciente, um enigma (Lacan, 1957/1998).

Em suma, por estar tão intimamente relacionada a conceitos como fala, linguagem, desejo e sintoma, apontamos que dar espaço às metáforas pode ser profícuo para a psicanálise, enquanto teoria e técnica.

Referências Bibliográficas

- Araújo Filho, M. A. A. (2013). *Verbos com o prefixo ver- na língua alemã: Uma análise construcionista* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/D.8.2013.tde-23092013-122656>
- Azevedo, A.V. (2001). *A metáfora paterna na psicanálise e na literatura*. Editora Universidade de Brasília.
- Barbosa, K. (2020). De Jakobson a Lacan: a construção da metáfora paterna. *Ágora*, 23(3), 29-37. <https://doi.org/10.1590/1809-44142020003005>
- Barros, M. (2008). *Memórias inventadas: As infâncias de Manoel de Barros*. Planeta do Brasil.
- Bataille, L. (1988). *O umbigo do sonho: Por uma prática da psicanálise* (D. D. Estrada, Trad.). Zahar.
- Beckett, S. (1989). *O inominável* (W. Dutra, Trad.). Editora Nova Fronteira.
- Bernardes, R. (2023). *Tempos oníricos: Articulações entre sonhos, política e saúde mental* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/D.47.2022.tde-28032023-171107>
- Bíblia Almeida Corrigida Fiel. (n.d.). *Bíblia Online*. <https://www.bibliaonline.com.br/acf/>
- Blanchot, M. (2011). *A parte do fogo*. Editora Rocco.
- Buarque, C., & Gil, G. (1978). *Cálice* [Música]. Em Chico Buarque. PolyGram.
- Calligaris, C. (1986). *O inconsciente em Lacan*. Zahar.
- Calvino, I. (1990). *Seis propostas para o próximo milênio*. Companhia das Letras.
- Dean, O. (2023). *Dive* [Música]. Messy. EMI Records.
- Didier-Weill, A. (1997) *Os três tempos da lei: O mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical*. Jorge Zahar.

- Dor, J. (2004). *Introdução à leitura de Lacan* (Vol. 1). Artmed.
- Elia, L. (2007). A letra: De instância no inconsciente à escrita do gozo no corpo. In A. Costa & D. Rinaldi (Orgs.), *Escrita e psicanálise* (pp. 129-137). Companhia de Freud.
- Elia, L. (2023). *A ciência da psicanálise*. Edições 70.
- Ferrante, E. (2023). *As margens e o ditado: Sobre os prazeres de ler e escrever*. Intrínseca.
- Freud, S. (2010). A dinâmica da transferência. In P. C. Souza (Trad.), *Sigmund Freud: Obras completas, volume 10. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("o caso Schreber"), artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913)* (pp. 133-146). Companhia das Letras. (Trabalho original publicada em 1912)
- Freud, S. (2010). Observações sobre o amor de transferência. In P. C. de Souza (Trad.), *Sigmund Freud: Obras completas, volume 10. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("o caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)* (pp. 210-228). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In P. C. de Souza (Trad.), *Sigmund Freud: Obras completas, volume 18. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (pp. 13-123). Companhia das Letras. (Trabalho original publicada em 1930)
- Freud, S. (2010). Recordar, repetir e elaborar. In P. C. Souza (Trad.), *Sigmund Freud: Obras completas, volume 10. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("o caso Schreber"), artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913)* (pp. 193-209). Companhia das Letras. (Trabalho original publicada em 1914)
- Freud, S. (2016). Estudos sobre a histeria. In L. Barreto (Trad.), *Sigmund Freud: Obras*

- completas, volume 2. Estudos sobre a histeria (1893-1895)* (pp. 18-427). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Freud, S. (2017). O chiste e sua relação com o inconsciente (F.C. Mattos & P.C. Souza, Trad.), *Sigmund Freud: Obras completas, volume 7. O chiste e sua relação com o inconsciente (1905)* (pp. 13-334). Companhia das Letras. (Trabalho original publicada em 1905)
- Freud, S. (2018). Construções na análise. In P.C. Souza (Trad.), *Sigmund Freud: Obras completas, volume 19. Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)* (pp. 327-344). Companhia das Letras. (Trabalho original publicada em 1937)
- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. In P. C. de Souza (Trad.), *Sigmund Freud: Obras completas, volume 4. A interpretação dos sonhos (1900)* (pp. 13-675). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (2021). O poeta e o fantasiar. In E. Chaves (Trad.), *Obras incompletas de Sigmund Freud: Arte, literatura e os artistas* (pp. 53-68). Autêntica. (Trabalho original publicada em 1908)
- Freud, S. (2021). Psicopatologia da vida cotidiana. In P. C. de Souza (Trad.), *Sigmund Freud: Obras completas, volume 5. Psicopatologia da vida cotidiana e sobre os sonhos (1901)* (pp. 13-376). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1901)
- Freud, S. (2021). Transitoriedade. In E. Chaves (Trad.), *Obras incompletas de Sigmund Freud: Arte, literatura e os artistas* (pp. 221-226). Autêntica. (Trabalho original publicada em 1916)
- García, G. L., (1997). *Política do sintoma*. (R. Cesarotto, Trad.). Hacker Editores.
- Guatimosim, B. (2012). Existe a neurose e há pessoas que se curam: Qual é o truque? *Stylus*

Revista de Psicanálise, (25), 87-98.

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2012000200009

Imanishi, H. A. (2021). Metáfora e significação: A construção de sentidos em análise. *Ágora*, 24(3), 11-19. <https://doi.org/10.1590/1809-44142021003002>

Jorge, M. A. C. (2001). Apresentação [Prefácio]. In Azevedo, A. V., *A metáfora paterna na psicanálise e na literatura* (pp. 9-12). Editora Universidade de Brasília.

Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 238-324). Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)

Lacan, J. (2000). *Seminário 25: O momento de concluir*. (J. Gerbase, Trad.). [Manuscrito não publicado]. (Trabalho original publicado em 1977-1978)

Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)

Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1954-1955)

Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 3: As psicoses*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956)

Lacan, J. (1998). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 461-496). Zahar. (Trabalho original publicado em 1956)

Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 496-533). Zahar. (Trabalho original publicado em 1957)

Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)

- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: A transferência*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Lacan, J. (1998a). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 653-691). Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (1998b). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 807-842). Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (1998). A metáfora do sujeito. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 903-907). Zahar. (Trabalho original publicado em 1961)
- Lacan, J. (1998). Kant com Sade. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 776-803). Zahar. (Trabalho original publicado em 1963)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Leclaire, S. (1986). *Psicanalisar*. Editora Perspectiva S.A. (Trabalho original publicado em 1968)
- Lerner, E. (2024). *Objeto a: Dobra do sujeito*. Editora Sinthoma.
- Maesso, M. C., Lazzarini, E. R., & Chatelard, D. S. (2019). Psicanálise e universidade: Encontros e desencontros na pesquisa, ensino e extensão. In C. Antloga, K. T. Brasil, S. R. Lordello, M. Neubern, & E. Queiroz (Orgs.), *Psicologia clínica e cultura contemporânea 4* (pp. 113-130). Technopolitik.
- Maesso, M. C. (2023). *Une bévüe entre Freud e Lacan*. In D. S. Chatelard, M. C. Maesso, & V. Rilho (Orgs.), *Inconsciente e escrita* (pp. 65-75). Editoria Appris.

- Maesso, M. C., Guerra, M. N., & Chatelard, D. S. (2023). Gozo, arte e laço social. *Através da arte e da psicanálise: O que (não se escreve)*. In D. S. Chatelard, M. C. Maesso, & V. Rilho (Orgs.), *Inconsciente e escrita* (pp.119-129). Editora Appris.
- Mannoni, O. (1992). *Um espanto tão intenso: A vergonha, o riso e a morte*. Campus.
- Mariani, B. (2007). Silêncio e metáfora: Algo para se pensar. *Revista Trama*, 3(5), 55-71.
<https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/959/822>
- Maurano, D. (2006). *A transferência: Uma viagem rumo ao continente negro*. Zahar.
- Mezan, R. (2023). *Escrever a clínica*. Editora Blucher.
- Michaelis, (n. d.). *Apanhador*. In Dicionário brasileiro da língua portuguesa. Recuperado em 2 de janeiro de 2026, de <https://michaelis.uol.com.br/palavra/oAOL/apanhador/>
- Milner, J. (2012). *O amor da língua*. Editora da Unicamp.
- Mora, E. (2021). Discusión de la metáfora [Discussão da metáfora]. *El pez y la flecha – Revista de Investigaciones Literarias*, 1, 91-111. <https://doi.org/10.25009/pyfril.v1i1.6>
- Neto, J. M. C. (2013). Reflexão sobre o vazio dentro da psicanálise: Do horror do vazio ao vazio criador de metáforas. *Jornal de Psicanálise*, 46(85), 127-140.
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352013000200013
- Pontalis, J. B., & Mango, E. G. (2012). *Freud com os escritores*. Três Estrelas.
- Quintana, M. (2007). *Da preguiça como método de trabalho*. Globo.
- Ricoeur, P. (2000). *A metáfora viva*. Edições Loyola. (Trabalho original publicado em 1975)
- Rilke, R.M. (2022). *Cartas a um jovem poeta / Rainer Maria Rilke, Franz Xaver Kappus* (C. Dornbusch, Trad.). Planeta do Brasil.
- Rosenfeld, H. K. (1998). *Palavra pescando não-palavra: A metáfora na interpretação psicanalítica*. Casa do Psicólogo.
- Safouan, M. (1993) *A palavra ou a morte: Como é possível uma sociedade humana?* Papyrus.

(Trabalho original publicado em 1921)

Salum, L. K. P. (2024) *Lacan e a estrutura da cadeia significante*. Toro.

Saussure, F. (2006) *Curso de linguística geral* In A. Chelini, J. P. Paes & I. Blikstein (Trads.). Cultrix. (Trabalho original publicado em 1916)

Souza, P. S., Jr. (2023). *O fluxo e a cesura: Um ensaio em linguística, poesia e psicanálise*. Editora Blucher.

Susemihl, E. V. K. P. (2017). Interpretação dos sonhos, sem fim. *Jornal de Psicanálise*, 50(93), 111-126. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352017000200008

Telles, V.S. (1979). *Metáfora, transferência: A constituição do campo psicanalítico*.

[Dissertação de mestrado não disponível eletronicamente, Universidade de São Paulo].

Turner, A. (2007). *505* [Música]. Favorite Worst Nightmare – Arctic Monkeys. Domino.